

CAMINHANDO COM KRISHNAMURTI



A VIDA E AS CARTAS DE
NANDINI MEHTA

DEVYANI MANGALDAS

Tradução: Amadeu António

, Agosto de 2018

ÍNDICE

PREFÁCIO

UMA LUZ TREMENDA

A MÃE QUE EU CONHECI

UMA INFÂNCIA DOURADA

RUMO A UM NOVO MUNDO

DE CABEÇA PARA BAIXO, DE DENTRO PARA FORA

A DISPUTA JURÍDICA

TEMPOS DE MUDANÇA

BAL ANAND: A PEQUENA ESCOLA

ENCONTRA UM PEDAÇO DE VERDE

A ÚLTIMA CAMINHADA

AGRADECIMENTOS

DA EDITORA

PREFÁCIO

NANDINI MEHTA CONHECEU O FILÓSOFO e instrutor espiritual Jiddu Krishnamurti pela primeira vez em Bombaim, em 1948, quando acompanhou o seu sogro, o proprietário de fábricas têxteis Sir Chunilal Mehta, a uma das suas reuniões. Ao longo dos 38 anos seguintes, até à morte dele em 1986, Nandini e Krishnamurti tornaram-se bons amigos e trocaram inúmeras cartas. Através dos anos, Krishnamurti partilhou com Nandini os seus pensamentos e ensinamentos, a sua paixão por ela e pela sua família.

Muito pouco sobre a vida de Nandini Mehta está no domínio público, para além do que consta na biografia de Krishnamurti escrita pela sua irmã Pupul Jayakar, *Krishnamurti: A Biography*. Ela permanece uma figura obscura, e outros biógrafos de Krishnamurti mencionaram-na apenas de passagem. Algumas das cartas que Krishnamurti escreveu a Nandini Mehta tornaram-se parte do livro de Jayakar. Um livrete independente, baseado nestas cartas, intitulado “Letters to a Young Friend: Happy is the Man who is Nothing” foi também publicado pela Fundação Krishnamurti. Este livrete foi subsequentemente traduzido para várias línguas, incluindo hindi, marata, grego e português. Na altura da sua publicação, não foi revelado que as cartas foram escritas a Nandini Mehta, embora aqueles que pertenciam aos círculos de Krishnamurti da época soubessem que o “jovem amigo” era, na realidade, ela.

É desta forma que Pupul Jayakar introduz as cartas: “Ele escreveu as seguintes cartas a um jovem amigo que veio ter com ele ferido no corpo e na mente. As cartas, escritas entre Junho de 1948 e Março de 1960, revelam uma rara paixão e clareza...”

A pergunta bastante óbvia frequentemente feita é: Porque é que ele escreveu estas cartas? Porque é que manteve uma correspondência tão longa e dedicada? Obviamente, Nandini tornou-se uma amiga próxima e associada. Ela era importante para ele e ele preocupava-se com ela. De forma menos óbvia, ele provavelmente viu nela uma espiritualidade e calma do tipo que procurava desenvolver em todos aqueles que se reuniam para ouvir os seus discursos.

Poucos compreenderam a complexa e bela amizade que Nandini partilhou com Krishnamurti. É necessário compreender o conceito de compaixão e compreensão de Krishnamurti; só então se pode sondar o seu laço e o respeito mútuo.

O que é relevante e realçado nestas memórias é a forma como Nandini absorveu e compreendeu as palavras de Krishnamurti, como estas a ajudaram e como ela tentou viver a sua vida de acordo com os seus ensinamentos. Esta biografia descreve detalhadamente a sua vida, as suas lutas, o seu caminho para uma existência espiritual e pacífica.

Este manuscrito baseia-se nos seus diários, excertos de cartas que Krishnamurti lhe escreveu e que ela tinha copiado para os seus diários, e cartas e conversas entre Nandini e a sua filha Devyani (Devi) Mangaldas. Através destas palavras, a vida e o pensamento de Nandini Mehta desenrolam-se, tal como a sua ligação a Krishnamurti.

Três anos após a morte de Krishnamurti, quando Nandini tinha 72 anos, escreveu-lhe uma carta no seu diário. A carta recorda nostalgicamente as alegrias de caminhar com Krishnamurti em Bombaim, Benares, Rishi Valley e Sri Lanka. Recorda também uma memória distante de caminhar com ele em Ooty, e observar o mundo através dos seus olhos. A carta termina com um momento de epifania, quando a presença espiritual de Krishnamurti eleva os seus pensamentos e a sua mente.

É por causa destas últimas palavras que ela escreveu a Krishnamurti, e da forma como ela caminhou pessoal e metaforicamente com ele durante a sua vida, que estas memórias se intitulam “Walking With Krishnamurti” [Caminhando com Krishnamurti].



CAPÍTULO 1

UMA LUZ TREMENDA

O CÉU ESTAVA NUBLADO E UMA CHUVA MIÚDA preenchia o dia. Como era domingo, a minha mãe Nandini Mehta, que tinha completado recentemente 85 anos, e eu passámos o dia juntas em casa. Notei que a sua respiração parecia ligeiramente pesada desde a manhã, mas ela nem o mencionou nem se queixou.

Por volta das 11h, como era a sua rotina diária, o Kaka, o meu irmão Vikram, passou por lá para ver a Ma brevemente. Ela ficou encantada por vê-lo. Fitando-o com olhos adoradores, segurou a mão dele e beijou-a. Ele mostrou o seu afeto por ela provocando-a um pouco e despenteando-lhe o cabelo. Depois de ele sair, a Ma almoçou e fez uma sesta à tarde.

Em casa connosco estava Bhagyashri, uma jovem estudante da Bal Anand, a escola da Ma para os desfavorecidos. Ela estava a passar o domingo connosco para poder praticar conversação em inglês. A Ma pediu-me para lhe dar um lanche e depois a Bhagyashri ligou a televisão. A Ma sentou-se com ela para ver. A Doordarshan estava a cobrir o funeral de Dhirubhai Ambani, que tinha morrido no dia anterior, 6 de Julho de 2002. A Ma abanou a cabeça e pediu à rapariga para colocar, em vez disso, uma peça de teatro hilariante em marata. Sentou-se direita a ver o espetáculo, rindo calorosamente das piadas e das brincadeiras. Às 19h sentámo-nos para jantar. A Ma comeu ervilhas, o seu vegetal favorito, e um pouco de sopa de tomate e torradas.

Por volta das 20h o telefone tocou. Era o meu filho Aditya. Tinha regressado de Alibag e estava muito cansado, mas queria saber como estávamos ambas. Disse-lhe que estávamos bem e mencionei a respiração ocasionalmente pesada da Nandinima. Estando exausto, ele encerrou a conversa rapidamente, dizendo que passaria por cá noutro dia.

Dez minutos depois, a campainha tocou. Fiquei surpreendida ao ver o Aditya entrar. A Ma estava sentada na sua cadeira habitual e disse: “O Aditya veio”. Ela estava tão obviamente feliz por vê-lo. O Aditya sentou-se ao lado dela, inclinou-se e beijou-a. Ela encostou a cabeça no ombro dele e sorriu para ele. Depois, muito claramente, disse: “Oh Ghanshyam”, referindo-se ao meu outro irmão que estava a viajar pela Europa. Não havia sinais de angústia, nenhuma mudança de expressão, nenhuma pista exterior que me fizesse pensar que ela nos estava a deixar, mas por alguma razão, sem pensar realmente nisso, eu disse involuntariamente: “Ma, vai em paz, não te preocupes com nada”. Ela fechou os olhos, ainda com a cabeça no ombro do Aditya. Menos de trinta segundos depois, ele procurou o pulso dela e abanou a cabeça. Não havia nenhum.

Num domingo à noite, onde encontraríamos um médico? Quem deveríamos contactar? Felizmente, a Dra. Vandana Merchant do nosso prédio pôde passar por cá. Disse que a Ma tinha falecido pacificamente.

Contactámos o Kaka e ligámos também para o Ghanshyam. O Kaka regressou apressadamente, entrando no apartamento a chamar “Ma, Ma”. Depois, deitámo-la na sua cama e sentámo-nos ao seu lado em silêncio. Sem gritos, sem lamentações ou agarrares nela. Coloquei-lhe na boca um pedaço da casca da pimenta de Ojai, Califórnia. Era da mesma pimenteira sob a qual se acredita que Krishnamurti teve a sua primeira revelação em 1922. O Aditya e o Kaka trataram dos preparativos para a sua cremação. Pedi que ela fosse colocada no chão, sob as estrelas, momentos antes de ser transferida para a ambulância para ser levada. Ali, segurei os seus pés durante alguns segundos e beijei-os.

A Ma tinha partido verdadeiramente em paz.

“Tem uma família, uma casa, mas não te deixes prender por ela nem te refugies atrás dela. Quando a morte vier, vai de mãos vazias, sozinha, sem medo, sem um tremor, e haverá luz. Krishnaji diz, ‘uma luz tremenda’... se não, estarás de volta.” — Do diário de Nandini Mehta, Junho de 1975

CAPÍTULO 2

A MÃE QUE EU CONHECI

UMA DAS MINHAS MEMÓRIAS FAVORITAS da minha mãe Nandini Mehta remonta ao tempo em que eu era uma estudante de nove anos. A Ma e eu caminhávamos pela Nepean Sea Road todas as noites durante uma hora. Os meus pais tinham-se separado recentemente e os meus dois irmãos mais novos e eu vivíamos com o nosso pai e avós no Malabar Castle, um palacete grandioso no número 42 da Ridge Road, na zona de Malabar Hill, em Bombaim. O ponto alto do nosso dia, no entanto, era o tempo que podíamos passar longe daquela casa, com a nossa mãe. Tecnicamente, o nosso pai permitia-nos apenas uma hora com ela todas as noites. Como eu era a mais velha, era-me permitido ir dar um passeio com ela durante uma hora adicional antes de os meus irmãos se juntarem a nós na casa da sua mãe, Motima, um velho casarão na Dongersi Road. Tínhamos de estar de volta a casa às 20h, impreterivelmente.

Recordo estas noites, e o tempo que passámos na casa dela, como um tempo de grande felicidade. A casa estava invariavelmente cheia de gente — além da avó e da Ma, as minhas tias e primos estariam todos lá para passar tempo connosco. A mesa da Motima estava invariavelmente carregada de comida deliciosa; havia muita diversão, gargalhadas e piadas. A minha mãe era muito demonstrativa e cobria-nos de amor, com abraços, com tanta alegria quanto pudesse partilhar naquela hora. Quando chegava a hora de partirmos, ela nunca

se mostrava deprimida ou perturbada, mesmo que nós o estivéssemos. Nem uma única vez a ouvi dizer uma palavra negativa contra o nosso pai, nem uma observação amarga ou afirmação de raiva foi expressa. Todos os três tínhamos um laço extremamente forte com a nossa mãe desde o início, e este continuou até ao próprio fim da sua vida.

Além destas noites, desde 1949 até eu me casar em 1959, o único tempo significativo que passámos com ela foram seis semanas durante cada férias de Verão, fosse em Ooty, Kodaikanal ou Nainital. Mesmo antes do Diwali, era-nos permitido viajar com ela por mais seis dias, geralmente para Matheran. Fora isso, quando o meu pai saía para jantar, ou num fim de semana em Poona durante a época das corridas de cavalos, era-nos permitido ir para casa da Ma para dormir lá. Isso era sempre especial, um regalo inesperado. O carro Fiat era carregado com as nossas almofadas, lençóis e roupas e dirigíamo-nos para casa da Ma. Estendíamos colchões no chão do quarto dela e dormíamos juntos. Os nossos corações explodiam de alegria quando nos íamos deitar nessas noites.

Nós os três mantivemo-nos unidos e protegemo-nos uns aos outros nos tempos difíceis, mas era a Ma quem era o pivô central, o foco e a fonte da nossa felicidade. Durante as horas e dias que passámos com a Ma, nunca a ouvimos queixar-se, mesmo que tivesse um problema de saúde. Se o resto da família dela ia sair para um jantar ou um evento e isso interferia no nosso tempo de encontro, ela ficava sempre para trás por nossa causa.

Sem dúvida que ter apenas uma hora por dia com os seus filhos não deve ter sido fácil para ela. Soube mais tarde que foram as palavras de Krishnaji que a ajudaram durante este período difícil. Depois de me casar e mudar para Ahmedabad, a Ma e eu escrevíamos uma à outra pelo menos 2 a 3 vezes por semana. Numa carta dirigida a mim, escrita por volta de 1964, eis o que ela disse:

Um dia, há muitos anos, quando todos vocês os três tinham ido para casa, chorosos e assustados, fui ter com o Krishnaji num estado de grande agitação: “Porque é que não posso ver mais os meus filhos?”, lamentei-me. “Um homem rico tem dinheiro e quer mais, e tu, nas tuas próprias carências e desejos, estás a fazer o mesmo,” disse o Krishnaji. “O homem que está contente com o que tem é mais rico do que o mais rico, e se o teu coração estiver cheio, então tens tudo.”

Noutra ocasião, a Ma contou-me que uma vez ficou muito transtornada e perturbada durante o longo e acrimonioso processo judicial entre os meus pais, para a separação legal e custódia dos filhos, pois este andava para trás e para diante entre advogados. Quando falou com o Krishnaji sobre isso, ele disse:

“Nandini, como viverás a tua vida longe dos filhos? Se durante todo o dia estiveres ansiosa, amarga e autocentrada, quando te encontrares brevemente com os teus filhos à noite, o que lhes darás?”

Inquestionavelmente, a prudência e a orientação de Krishnaji tiveram um impacto profundo na forma como a Ma escolheu levar a sua vida por diante e lidar com a situação em que se encontrava. Nós, os filhos, nunca a vimos agitada ou angustiada por ter perdido a nossa custódia.

Em 1975, numa carta que a Ma me escreveu, ela respondeu à minha pergunta sobre como tinha conseguido tornar as nossas vidas tão felizes apesar do pouco tempo que tinha connosco.

No passado, mesmo por um curto período, fosse a conduzir com vocês as três crianças ou sentada no escuro no alpendre do número 42, falando em sussurros depois de passarem a noite em minha casa, dizes que eu vos enchia de deleite. Pensei no passado e não me lembro de ter feito nada conscientemente. Simplesmente amei-vos aos três e entreguei-me completamente a vós. Vocês devem ter feito o mesmo. Não houve pedidos, apenas agarrámos o que tivemos e amámos cada momento. Nunca, admito, falei de nada para vos deprimir e vocês também, meus três valentes filhos, não me falaram de coisas deprimentes.

A Ma foi sempre um mar de tranquilidade. Nunca expressava raiva. Mesmo quando não aprovava algo, não ficava aborrecida nem explodia num acesso de fúria. Simplesmente mantinha-se calma. Acredito que a minha mãe tinha uma forte inclinação espiritual, talvez desde o início, desde a sua infância precoce. Aos 70 anos também tinha uma postura tranquila e meditativa. Havia um mistério sobre este estado sereno que não era fácil de sondar, e aqueles que presenciavam a radiância que ela comunicava frequentemente perguntavam-se sobre a sua fonte.

Não era de todo como se ela fosse alheada; de facto, estava muito envolvida connosco. Tinha um grande entusiasmo pela vida, por viajar, pela natureza. Estava sempre a transbordar de afeto e felicidade, e queria partilhar connosco o quanto nos amava e se importava connosco. No meu 18.º aniversário, a sua prenda para mim foi uma bela carta de oito páginas que começava com uma citação de Sócrates. Sessenta anos depois, ainda a leio ocasionalmente, e descubro que encerra tantas verdades. Eis um extrato:

“Amado Pan, e todos vós outros deuses que assombráis este lugar, dai-me beleza na alma interior; e que o homem exterior e o interior sejam um só. Que eu considere os sábios como sendo os ricos, e que eu tenha tal quantidade de ouro que um homem temperado e apenas ele possa suportar e carregar.” — Sócrates

Minha Queridíssima Deva, Amanhã, de acordo com a lei, serás livre. Mas descobrirás, à medida que envelheceres, que na vida não há liberdade completa e absoluta. Em cada fase e ponto da vida de alguém, tem-se e não se tem, quer-se e não se pode ter, persegue-se e a coisa escapa-nos. Parece que em ponto algum há motivo para estar contente e satisfeito. Tem-se lampejos, períodos de alegria e libertação, mas eles passam depressa. Por isso Deva, há que ver tudo isto, ver que

não há fim para o desejo, que é bom e natural e louvável sentir, responder, ansiar e querer, mas é também natural nem sempre ter o que se quer.

Que a vida é boa não porque se consegue o que se quer (embora haja alegria temporária nisso, certamente), mas é satisfatória, adorável e bela porque se vê que nem sempre se pode ser gratificado. Para ver isso, é preciso amar e ansiar loucamente, sentir apaixonadamente, desejar e, contudo, viver levemente sobre a vida. Não te agarres nem te prendas, mas sê como uma borboleta, pousando levemente em cada flor.

A Ma viveu pelos ensinamentos que tinha absorvido de Krishnaji. Tinha assistido a inúmeras palestras, trocado centenas de cartas e lido numerosos livros sobre os seus escritos. Ouvia-o com muita atenção quando ele falava. Conversava com ele sempre que se encontravam. Escrevia-lhe e ele respondia, partilhando pormenores sobre a vida dela, discutindo como lidar com problemas básicos do quotidiano: um problema de saúde, um neto que tinha sido mordido por um cão, a morte de um amigo. Ao contrário da sua irmã Pupul, a Ma não aprofundava os aspetos esotéricos dos seus ensinamentos, o misticismo ou as revelações de estados mentais extraordinários de ser.

A Ma adotou os princípios e filosofias que tornavam o mundo quotidiano mais fácil de navegar, que tornavam a vida suportável mesmo em tempos de dificuldade ou de problemas. As suas ações baseavam-se no que lhe fazia sentido prático. Ela tentou transmitir aos seus três filhos os valores que tinha absorvido de Krishnamurti. "Sigam a verdade dos seus ensinamentos", dizia ela, "Não repitam meramente as suas palavras. Têm de encontrar a vossa própria verdade".

O humor era uma parte muito importante da vida familiar da minha mãe e, quando estávamos na casa da avó, sentíamos-nos suficientemente à vontade para brincar muito. O riso e a brincadeira não existiam na casa do meu pai, por isso ansiávamos mais por isto quando vínhamos para a casa da Ma. Podíamos, e muitas vezes fazíamos, piadas sobre qualquer coisa. O Kaka, que tinha um grande sentido de humor, brincava constantemente sobre o mundo espiritual. Um dia, a Pupulmasi e a Ma estavam sentadas num sofá a ter uma discussão intensa.

A certa altura, a Pupulmasi fez um gesto com as palmas das mãos na parte de trás da cabeça e disse à Ma: "Ghodi, tens de ter uma perceção holística, ver pela parte de trás da tua cabeça". Nesse momento, o Kaka entrou na sala e ficou em silêncio a ouvir e a rir-se da conversa. No dia seguinte, ele aproximou-se propositadamente de onde a Ma e a Pupulmasi estavam sentadas. A Pupulmasi notou algo de errado e disse: "Kakdi, o que aconteceu? Estás a usar os teus óculos na parte de trás da cabeça!". O Kaka sorriu e respondeu: "Sim, eu também estou a ver as coisas pela parte de trás da minha cabeça".

Tal era a atmosfera leve na casa da avó. As conversas nunca eram sombrias, mórbidas ou rígidas. Éramos livres de ouvir ou não, concordar ou discordar,

brincar ou ser sérios, debater ou abster-nos da discussão. Ao mesmo tempo, quando a família se reunia, havia debates sérios sobre política, mudanças sociais, novas invenções como o computador, Krishnamurti, livros lidos e a revitalização dos teares manuais e do artesanato. As vozes da Pupul e do meu primo Asit abafavam as vozes dos outros, enquanto todos falavam alto ao mesmo tempo.

A Ma era uma confidente para muitos amigos e familiares. Se alguém tivesse um problema, sabia que podia recorrer a ela. Falava-se também de problemas com namorados e paixões. Nenhum assunto era considerado demasiado delicado ou inadequado para discussão com ela. As pessoas eram atraídas por ela, pela sua presença tranquila, pela sua gentileza, pelo seu sorriso. Várias mulheres vinham ter com ela para falar sobre os fardos das suas vidas. Quando ela caminhava pela Dongersi Road, as crianças chamavam-na afetuosamente: "Bai, bai!".

Sempre que visitava Bombaim vinda de Ahmedabad, onde vivi entre 1959 e 1983, a Ma e eu fazíamos tudo juntas. Íamos ao cinema, ao salão para uma limpeza de pele, tratar de tarefas, e caminhávamos todos os dias.

Desde 1983, após o fim do meu casamento, tenho mantido uma relação com Kamal Mangaldas, embora vivesse em Bombaim com a Ma. Líamos livros e fazíamos yoga juntas e discutíamos frequentemente a Bal Anand e como torná-la mais significativa para as crianças. Ela apoiou-me plenamente quando recomecei os meus estudos aos 44 anos, frequentei a universidade e fiz um mestrado em Psicologia de Aconselhamento.

Mais tarde, trabalhei durante cinco anos como assistente de investigação no departamento de psiquiatria do Hospital KEM. A partir de 1987, durante 22 anos, trabalhei como conselheira na J. B. Petit School. A partir de 1987, também trabalhei ativamente com a Ma na Bal Anand e, quando a sua saúde começou a deteriorar-se em 1996, assumi a responsabilidade total pela escola.

Muitas vezes, à noite, ela partilhava comigo pequenas pepitas de sabedoria sobre como viver: "Devi, põe-te de joelhos e sê grata pelo que tens", dizia ela. "As coisas podem nem sempre correr à tua maneira. As nossas mentes são mesquinhas, somos tão míopes, queremos sempre que as coisas aconteçam de uma certa maneira. Quem sabe o que é realmente a coisa certa para nós? Larga os teus fardos e nunca, jamais, largues a mão do Krishnaji. Ri com todo o teu ser. Dá de ti a todos os que se cruzarem no teu caminho." Embora ela sentisse intensamente os ensinamentos dele e vivesse por eles, nunca nos forçou a nada e, por isso, nenhum de nós pensou alguma vez em rebelar-se. Em vez disso, falava-nos sobre questionar e desafiar o condicionamento; ajudou e guiou os seus filhos a serem conscientes e destemidos.

Embora não tivesse dúvidas de que a Ma tinha feito o que estava certo ao deixar o meu pai, foi apenas em 2017 que compreendi plenamente porquê. Um

documento intitulado "A Minha Vida", que ela tinha escrito em 1949, permanecera num arquivo no meu armário durante décadas, mas eu nunca tinha tido a coragem de o ler. Sabia que era um relato detalhado da sua vida até ao momento em que decidiu pedir a separação judicial do meu pai. Tinha-o aberto uma vez após a sua morte, mas depois de ler apenas algumas páginas, tinha-o guardado. Foi apenas no verão de 2017 que finalmente reuni a coragem para o ler.

Encorajada pela minha prima Radhika, decidi que, se queria compreender plenamente a vida da minha mãe nas suas próprias palavras, tinha de ganhar coragem e ler a história toda. O que li nesse documento afetou-me imenso. Fiquei triste com o que tinha acontecido. Surpreendeu-me que a minha mãe nunca me tivesse falado das coisas que tinham acontecido, do que ela tinha passado. Ela tinha apagado tudo dos seus pensamentos; tinha seguido em frente. Esta percepção foi simultaneamente desoladora e libertadora. Nos capítulos seguintes, apresento uma versão abreviada da sua vida.

A Mãe dizia-me repetidamente o quanto me amava. Dizia-me frequentemente que eu tinha sido uma amiga e uma mãe para ela. Ela foi e será sempre a minha amiga mais querida e próxima. Ela era sagrada para mim e, 16 anos após a sua partida, ainda sinto a sua presença ao meu lado todos os dias.

Em resumo, esta era a mãe que eu conheci. Nestas memórias, tento traçar a sua vida tal como a entendo, a partir dos seus diários, cartas e das conversas que tive com ela ao longo de muitas décadas. Penso nela como uma mulher de grande gentileza na fala, no comportamento e na postura exterior, mas interiormente de imensa força e resiliência. Através destas memórias, desejo partilhar com os outros a sua vida, as suas reflexões e os ensinamentos de Krishnamurti tal como ela os partilhou comigo.



CAPÍTULO 3

UMA INFÂNCIA DOURADA

NANDINI MEHTA NASCEU A 4 de Junho de 1917, em Mirzapur, uma pequena cidade nas margens do rio Ganges, a apenas 67 quilómetros de Benares, hoje Varanasi. Na altura, a zona fazia parte das Províncias Unidas (UP). Ambos os seus pais, Vinayak e Iravati, eram Brâmanes Nagar de Surat, Gujarat. O pai de

Vinayak, Nandshanker Mehta, era um professor erudito que escreveu o romance em guzerate *Karan Gehlo*. A sua mãe era conhecida por todos como Motaba.

O pai de Iravati era Thakorebhai, um advogado de sucesso, e a sua mãe Kiki era uma mulher forte e vocal, que nos seus anos posteriores se tornou vereadora municipal. As duas famílias eram amigas. Quando Kiki estava grávida de Iravati, Nandshanker tinha brincado com ela: "Se tiveres uma filha, gostaríamos que ela casasse com o nosso filho Vinayak". E, de facto, casaram-se em 1907, quando Iravati tinha 16 anos e Vinayak 23.

Vinayak estudou em Cambridge e, após o seu regresso, ingressou no prestigiado Serviço Civil Indiano sob o domínio britânico, escolhendo as Províncias Unidas como o seu quadro. Ele e a sua noiva foram para o seu primeiro posto em Allahabad, altura em que se tornaram amigos e se aproximaram da família Nehru.

Perderam o seu primeiro e segundo filhos, que provavelmente nasceram nados-mortos. Depois veio o filho Kumaril, chamado Kumi. Na verdade, todos os seus filhos tinham alcunhas. Depois de Kumi veio Purnima, que era chamada Moon, depois Premlata (Pupul), Nandini (Nancy) e Amarganga (Amru). Quatro raparigas e um rapaz.

A bela Nandini era a queridinha da família. Iravati dizia orgulhosamente: "Quando a Nandini era levada num carrinho de bebé, as pessoas paravam e olhavam. 'Quem é esta bela criança grega?', perguntavam". Nandini adorava o seu pai, descrevendo-o como um homem alto e de pele cor de trigo. Ela implorava-lhe: "Por favor, papá, rapa o bigode. Ele esconde o teu rosto bonito".

Estava também profundamente ligada à sua mãe Iravati, que era mundana, astuta e extremamente cuidadosa e afetuosa. Iravati era a matriarca profundamente respeitada do seu lar. Embora não tivesse estudos superiores, era extremamente brilhante e percetiva, com um instinto inato sobre os problemas. O seu marido pedia-lhe frequentemente que lesse os seus processos e escrevesse as suas notas críticas na margem.

Com grande nostalgia, Nandini falava aos seus filhos sobre os dias idílicos da sua infância. Durante o seu mandato como administrador para os britânicos, Vinayak foi colocado em diferentes locais: Allahabad, Lucknow, Bikaner, Caxemira. A família viajava sempre com ele e vivia em grandes casarões coloniais com anexos, campos de ténis, belos jardins, por vezes também um roseiral, com amores-perfeitos, ervilhas-de-cheiro e dalias plantadas pela *memsahib* anterior. Tinham um pessoal enorme, todo fardado; homens com turbantes e o brasão VM. E havia também póneis e cães.

Quando estava a recordar, Nandini falava de como se sentia triste quando via o *punkhawalla*, que era habitualmente cego, sentado na varanda, com uma corda presa aos dedos dos pés, movendo um grande leque para refrescar a casa.

Muitas vezes sentava-se ao lado dele a ouvir enquanto ele narrava contos populares. Nas noites de Verão, todos dormiam sob as estrelas, as camas numa fila, com o *chowkidar* e os cães a montar guarda.

Nos meses de Inverno, Vinayak por vezes percorria a sua província e toda a família acampava com ele. O pessoal ia à frente e montava as tendas: os quartos, a *golkamara* (sala de estar), as casas de banho e a cozinha. Normalmente acampavam numa zona arborizada ou perto de um riacho. As crianças tinham uma governanta irlandesa, Miss McGonigal, que viajava com elas para que a sua educação não sofresse. Quando viviam na Caxemira, Vinayak visitava aldeias distantes a cavalo de manhã e, à tarde, sentava-se no jardim da sua casa em Srinagar para ouvir os apelos dos aldeãos e administrar justiça.

Na casa dos seus pais, Iravati não comia nem tomates nem melancia, pois dizia-se que a sua cor era sugestiva de e se assemelhava a carne. No entanto, na sua casa conjugal, eram todos não-vegetarianos e bastante anglicizados. Comiam comida guzerate ao almoço, mas o jantar era cozinha ocidental: codornizes amanteigadas, alcachofras, frutas cristalizadas, assados e vinho do Porto ou xerez. A família sentia a necessidade de ser ocidentalizada, caso contrário as *memsahibs* brancas não socializariam com eles. Falavam guzerate em casa, mas inglês nas outras situações.

As raparigas usavam vestidos, meias longas, sapatos Mary Jane e laços no cabelo. As crianças eram alimentadas às 19h, separadamente, por vezes um estufado (*pish-pash*) com pedaços de carne a flutuar. Desde criança, Nandini detestava carne e passava discretamente os pedaços aos cães, que se sentavam ansiosamente aos seus pés debaixo da mesa.

Na casa de infância de Nandini, todos eram tratados com profundo respeito e afeto. Sempre que Vinayak encontrava os seus filhos, abraçava-os com um abraço de urso e palavras carinhosas: "Meus queridos", dizia ele frequentemente. Isto era invulgar para a comunidade Nagar de onde provinham. Naquela época, muito poucos homens expressavam abertamente o seu amor pelas filhas, e exibições físicas e expressões de afeto eram consideradas proibidas.

Nos seus anos posteriores, Nandini recordava frequentemente a voz rica do seu pai e como ele cantava com uma "facilidade de garganta profunda". Todas as manhãs cedo, a sua casa ressoava com o seu canto. Lembrava-se de como ele frequentemente soltava gargalhadas. "Várias vezes ao dia", diz o diário de Nandini, "com as mãos na cintura, a cabeça inclinada para trás, ele ria alto, a barriga a tremer de riso".

Nandini dizia frequentemente aos seus filhos e netos que cresceu num ambiente onde ninguém dirigia uma palavra dura a ninguém. Era uma vida cheia de amigos, livros, socialização e a festa ocasional. Havia uma extensa biblioteca

na casa, e o amor pela arte e pela pintura era nutrido e encorajado. Não se falava de ganhar dinheiro, nem de moralismos, nem de longas palestras.

À tarde, os amigos vinham muitas vezes para o chá, com *scones* e sanduíches finas de pepino. Havia muito riso e alegria. Anos mais tarde, Iravati falaria de quão profundamente tinha amado o seu marido. Contava como ele a chamava sempre carinhosamente de "Minha querida", nunca expressando raiva ou usando palavras duras ou negativas.

Nandini era próxima de todos os seus irmãos e amava-os profundamente. Embora fosse uma criança bastante calma na adolescência, nos seus dias de juventude tinha sido bastante atrevida. A sua irmã Pupul ria-se e contava como Nandini uma vez a encostou a uma parede. "A partir desse dia comecei a chamar-lhe carinhosamente 'Ghodi' [Égua]", disse ela. Ela era "Um potro selvagem, com grande força interior". Em anos posteriores, quando Nandini se encontrava em graves dificuldades financeiras, foi a Pupul quem a ajudou, como se ajudasse a sua própria filha.

Nandini adorava os invernos nas UP. A forma como o sol inclinado ao crepúsculo lançava luzes estranhas sobre os *peepul* e os tamarindeiros; os céus noturnos estrelados; toda a família sentada à lareira. Enquanto os seus irmãos preferiam preguiçar na cama, Nandini acompanhava o pai nas suas caminhadas matinais. Com grande carinho, lembrava-se de ser acordada cedo pelo pai para um passeio pela campo tranquilo.

Flores de cortiça jaziam como um tapete sob os seus pés, as flores silvestres de inverno estavam também em brasa, o perfume no ar infundindo os seus corpos. Os pássaros chilreavam. Num momento surgiam diante deles num frenesim de atividade, chilreando e chamando, e no momento seguinte desapareciam, embrenhando-se na folhagem verde. O céu matinal era de um azul surpreendente, sem nuvens e fresco. Algumas pessoas passavam por eles, camponeses, operários, apressando-se para o trabalho. Alguns andavam de bicicleta e paravam e saudavam quando viam o Vinayak.

Por vezes passavam por pessoas que transportavam precariamente os dejetos noturnos sobre a cabeça, para os esvaziar. Apressadas, mantinham os olhos baixos. Não saudavam o *sahib*, mas seguiam caminho, deixando um fedor no ar. Para onde iam? Nandini perguntava-se. Perturbava-a e entristecia-a que, sempre que encontrava estes trabalhadores, não soubesse o que fazer, como reagir ou saudá-los, o que dizer. Tinha pena de que eles tivessem de fazer aquele trabalho. Era uma era em que não havia sistemas de esgoto, e os bivaques usados pelos abastados eram esvaziados por estes varredores. Ela sentia muito intensamente este assunto e frequentemente o abordava com o pai, pedindo-lhe que trouxesse alguma mudança.

Nandini e a sua irmã Amru gostavam regularmente de andar de pónei, com o vento frio a soprar-lhes no rosto. As duas irmãs sentavam-se juntas e escreviam nos seus diários quase todos os dias — uma prática que Nandini retomou muitos anos mais tarde em Bombaim.

Nos meses de Verão, quando as planícies do norte da Índia se tornavam intensamente quentes, as *memsahibs* e os altos funcionários, as suas esposas e pessoal, todos se mudavam para Nainital. Vinayak e Iravati alugavam uma grande casa colonial e a família, o pessoal e os animais de estimação instalavam-se lá durante os meses de Verão. Amru e Nandini frequentavam uma escola de convento local, que ficava a vários quilómetros de distância. iam para lá a pé, com os contínuos a carregar as suas malas.

Na época de Inverno, onde quer que vivessem, havia festividades e bailes, bailes de máscaras e peças de teatro para assistir. Muitos dos parentes de Iravati visitavam-na quando viviam na Caxemira, numa casa adorável no Bund, ficando frequentemente por mais de dois meses. Não estavam interessados em visitas turísticas ou no Lago Dal. Gostavam de se sentar na varanda, discutindo e coscuvilhando enquanto desfrutavam da deliciosa comida que saía da cozinha dos seus anfitriões.

Todos os anos, pela altura do Natal, o pai de Nandini tirava 15 dias de licença e toda a família viajava para Surat. O seu avô, com o boné preto na cabeça, recebia-os na estação. As férias eram passadas a visitar parentes que os vinham ver, descansando, brincando ou conversando. Iravati exibia os seus saltos altos, o seu penteado moderno e o seu sobretudo de pele castanha. O seu tio resmungão repreendeu-a uma vez: "Por favor, tira esse casaco quando andares na tua carruagem nas ruas estreitas de Surat", disse ele, "Todos os cães ladram quando veem este animal estranho!". Mas Iravati dificilmente era alguém que se deixasse dissuadir. Ela era a *mem* perfeita.

A família ia fazer piqueniques nos campos, onde o milho-painço era colhido, assado em fogueiras abertas, depois debulhado e comido com *chutney* verde, pepino e *sakherdana* (açúcar cândi). Enquanto estavam em Gujarat, a família também viajava para Dumas, onde Vinayak tinha uma casa de família chamada Nandanvan perto da praia. Era uma casa adorável, de estilo rural, com o chão revestido a esterco de vaca, o quintal cheio de árvores de fruto de goiaba, *chikoo*, amêndoa e manga, e água tirada de um poço. Os filhos de Mehta e os seus primos tomavam banho e mergulhavam no mar, e faziam longas caminhadas nas praias desertas. Partilhavam quartos, dormindo em colchões alinhados no chão, e desfrutavam de refeições maravilhosas.

De acordo com Nandini, durante aquelas férias o seu pai tornava-se um homem diferente. Deixava de ser um administrador do ICS. Usava *dhotis*, sentava-se no jardim e ria com toda a gente. Ela escreveu que, olhando para trás,

não conseguia lembrar-se de um único incidente de tensão, ciúme ou stress entre qualquer um dos irmãos ou primos durante aquelas férias. "Todos partilhávamos naturalmente, não havia outra forma de funcionar." Tais foram os anos dourados da infância de Nandini, um tempo cheio de alegria e amor.

Num dos seus diários, Nandini regista: "Quando olho para trás até onde consigo ver, os meus olhos e coração procurando em lugares sombrios, alguns acontecimentos destacam-se. Sou uma menina de cinco anos, vivíamos nas Províncias Unidas e os meus pais estão a partir para a Europa por seis meses. Recordo o meu desespero, de pé no cais, apertando a mão da minha irmãzinha, os nossos avós ao nosso lado, imaginando o grande navio a levar a minha família para longe".

Durante seis meses, enquanto Vinayak e Iravati estavam na Europa, as crianças foram viver com os avós maternos em Surat. Nandini recordava bem a casa e o tempo passado lá. Eram uma família muito unida, mas ela recordava o conflito entre ela e a sua avó Kiki, a quem chamava Ba. "Eu era muito ligada à Rewabai (a minha *ayah*) e a Ba não suportava isso.

Lembro-me de ser repreendida, privada de alguns prazeres, mas mantive-me firme nos meus afetos pela Bai", escreveu ela. Kiki acabou por despedir a senhora porque não queria que Nandini tivesse um afeto tão profundo por ela. "Eu costumava fugir para Vanita Vishram (uma casa para mulheres onde vivia a minha amada Bai), que ficava por perto. Lembro-me de me sentir confortada apenas quando me sentava no seu colo e me diziam que a minha mãe voltaria em breve", disse Nandini.

Os dias passados longe dos pais foram difíceis para Nandini. Kiki por vezes ameaçava fechar a obstinada Nandini num quarto pequeno e escuro. Isto acontecia geralmente se Kiki criticasse Vinayak e a pequena Nandini discutisse ferozmente para defender o pai. A avó de Nandini era uma típica Brâmane Nagar de Surat; a sala de *puja* e a cozinha eram o seu domínio. Nandini recorda-se sentada a tocar *dilruba* e a cantar: "Oh mãe, no meu próximo nascimento, encontra-me um viúvo, pois as segundas esposas são sempre mais felizes". Tudo isto bem ao alcance dos ouvidos do seu marido. Mas Thakorebhai (Dadaji) já tinha ouvido aquele lamento tantas vezes que continuava sentado no seu baloiço, ignorando os queixumes da mulher.

Apesar das divergências, Nandini recorda com afeto os passeios de *faetonte* à noite com os seus avós. Ela ficava empoleirada perto do condutor, enquanto Amru, que era a neta favorita de Ba, se sentava com Ba e Dadaji. Paravam na loja de Rangeel e na de Mohammed, que eram os pontos altos do dia, com as suas fileiras de garrafas cheias de doces cintilantes. Thakorebhai era um bem-sucedido promotor público do governo e um grande admirador dos britânicos. Embora não acreditasse em curvar-se perante eles para subir na vida, admirava

grandemente as suas qualidades de administração e justiça. Ele era totalmente a favor da glória do Império. Nandini ria-se quando descrevia como, durante o jantar em Surat, se desse o "God Save the King" na rádio, o seu avô obrigava todos a levantarem-se e a saudarem o Rei Jorge V, a milhares de milhas de distância.

Como era comum no final de 1800, os seus avós tinham casado quando eram muito jovens. Na verdade, Ba tinha apenas nove anos na altura. Ba adorava descrever aos netos um incidente ocorrido quando ela e o marido viajaram juntos pela primeira vez. Estavam num comboio quando Kiki lhe pediu para lhe comprar um pouco de *chivda* que estava a ser vendido na estação. Inicialmente, Thakorebhai recusou. Depois, notando o seu ar infeliz, cedeu, saiu e comprou algum. Kiki, pelos vistos, atirou o *chivda* pela janela fora. Thakorebhai talvez tenha percebido logo cedo no casamento o temperamento da mulher com quem casara.

Nos seus anos posteriores, Ba era a líder da sua comunidade. Era dominadora e dura, e ocupava o cargo de vereadora municipal local. Embora tivesse apenas um metro e trinta e cinco de altura, era ferozmente agressiva. Se algo a agradasse pouco, teria um ataque de histeria e diria tudo o que queria, incluindo coisas que não ousaria vocalizar em situações normais do dia-a-dia.

Nandini tornou-se uma jovem bastante reservada e algo introvertida. A sua beleza floresceu com a adolescência, mas ela estava totalmente alheia à forma como os outros notavam o seu rosto perfeitamente esculpido. Iravati, em anos posteriores, narrava orgulhosamente este incidente: "Estávamos colocados em Allahabad, e o jovem Jawaharlal Nehru tinha vindo falar com Vinayak. Nesse momento, Nandini espreitou para a sala deles. Jawahar parou e perguntou: '*Mehtasahib yeh nihayat sunder ladki kaun hai?*' (Quem é esta rapariga extraordinariamente bela?)".

Os pais de Nandini eram anticonvencionais em muitos aspetos. Nunca realizavam a tradicional *puja*, nem pretendiam ser religiosos no sentido restrito da palavra. Mas eram espirituais. Vinayak era um homem de profunda erudição. Iravati era uma grande assistente social, generosa até à falha, e uma esposa e mãe dedicada. Foi grandemente encorajada por Vinayak, que a ajudou a fundar um lar para crianças e mulheres carenciadas na cidade sagrada de Benares. Pelo seu trabalho, recebeu a Medalha de Ouro Kaisar-i-Hind por Serviço Público na Índia, em 1928.

No diário de Nandini, ela diz: "Quando via a minha mãe e o meu pai juntos, pensava que o mundo seria igual — que todos os homens eram gentis e bondosos como o meu pai".

No entanto, o estilo de vida moderno e anticonvencional dos Mehtas não significava que estivessem completamente imunes às forças culturais em jogo ao

seu redor. Em 1936, quando Nandini tinha 17 anos, o seu pai perguntou-lhe se deveria escrever a Sir Chunilal V. Mehta, proprietário da Century Mills em Bombaim, para indagar se ele consideraria uma aliança entre as duas famílias. Nandini e as suas irmãs eram todas solteiras na altura, mas Vinayak sentia que ela era a mais adequada das raparigas. Ela estava em primeiro lugar na sua mente quando a carta foi escrita. Pupul estudava no estrangeiro na altura. Nandini encarou a sugestão dele como uma grande piada e ajudou o pai a redigir a carta.

Sir CV, como era chamado, respondeu positivamente; parecia muito interessado. Sugeriu que ele e a sua esposa conhecessem a família primeiro. Na altura, Vinayak era ministro das finanças na Caxemira. Assim, Sir CV pediu a Vinayak que lhe arranjasse uma casa-barco, onde veio e ficou por mais de dois meses. Pareceu profundamente impressionado com a família. Vindo ele próprio da comunidade *vaniya* ou comerciante, gostou especialmente da ideia de eles serem Brâmanes e muito "cultos".

Enquanto esteve na Caxemira, Sir CV estava na casa de Vinayak todos os dias, desfrutando de refeições e jogando *bridge* ou ténis com a família (embora a tímida Nandini não jogasse nenhum destes jogos). Sir CV deve ter observado a atmosfera em que as crianças foram criadas. Havia dignidade e harmonia; e não havia nada que as raparigas não pudessem fazer. Não havia proibidos, nem medos, nem regras autoritárias, nem leis rígidas que tivessem de seguir. Os pais e os filhos eram como amigos queridos, e eram livres e felizes.

Uma vez de regresso a Bombaim, Sir CV escreveu a Vinayak a dizer que estava interessado em que o seu filho Bhagwan casasse com a irmã mais velha, Pupul, que ele não conhecia, mas sabia que deveria estar de regresso dos seus estudos em Inglaterra. Mas Pupul já estava noiva de um advogado chamado Manmohan Jayakar, que conhecera na universidade. Vinayak respondeu a Sir CV explicando isto e sugerindo que Bhagwan casasse com Nandini.



CAPÍTULO 4

RUMO A UM NOVO MUNDO

VIJBHUCANDAS ATMARAM era da comunidade Modh Vaniya de Surat. Era muito jovem quando veio para Bombaim, em meados de 1800, em busca de fortuna. A sua ascensão foi meteórica e cedo se tornou proprietário da cobiçada Century Mills. Quando o seu irmão morreu jovem, adotou o filho do irmão, que mais tarde se tornou Sir Purshottam Thakurdas, o famoso industrial de Bombaim. Vijbhucandas teve quatro filhos próprios.

Os filhos foram Sir Chunilal e Sir Mangaldas (que foram feitos cavaleiros), Ranchordas, e uma filha, Motiben. Viviam numa mansão bela e elegante chamada Malabar Castle, no número 42 da Ridge Road, no luxuoso bairro de Malabar Hill, em Bombaim. Dizia-se que a casa pertencera outrora ao Bispo de Bombaim. Estava rodeada de relvados luxuriantes, sebes aparadas, e árvores *peepul*, banyan, mangueiras e coqueiros. Havia uma estufa com flores sazonais inglesas cultivadas em canteiros imaculados. O alpendre ostentava vasos de porcelana chinesa e altas estátuas gregas segurando candeeiros. A grandiosa casa tinha cinco terraços, dois deles mais compridos do que um campo de críquete.

Os tetos eram altos e adornados com candelabros, as divisões eram cavernosas com longas varandas, todas viradas para os esplêndidos jardins. A maioria das divisões tinha chão de *parquet* de madeira e a casa estava repleta de mobiliário elegante. Vijbhucandas e os seus filhos iam regularmente a leilões e compravam candelabros, mobiliário antigo Parsi esculpido, arcas chinesas, estátuas de mármore grego, vasos de porcelana, esculturas, taças de prata intrinsecamente esculpidas e bronzes, alguns deles do período Chola.

Sir CV herdou a casa do pai, enquanto os seus irmãos herdaram outras propriedades vastas. Sir CV tinha uma aparência distinta, era magro e alto, com um rosto de granito esculpido. Sentia-se tão confortável de *dhoti*, *dagla* branco e gorro, como de fato de três peças com relógio de ouro e corrente. Era um homem inteligente e diz-se que ficou em primeiro lugar no seu exame de mestrado em Bombaim.

Foi membro do Conselho Executivo do Governador e herdou também a prestigiada Century Mills, que obteve lucros enormes durante a Segunda Guerra Mundial. Era também diretor em muitas das principais empresas Tata e altamente respeitado no mundo dos negócios pelas suas capacidades. Esteve entre os primeiros indianos a quem foi concedida a adesão ao Willingdon Club e ao Cricket Club of India.

Era casado com Taraben, uma senhora baixa e clara, sempre adornada com diamantes e esmeraldas. Taraben tinha medo e era dominada pelo marido. Mas quando ele estava fora no trabalho, ela exercia a sua autoridade e comandava o seu numeroso pessoal. Mantinha uma casa meticulosamente limpa e arrumada. Sir CV (frequentemente chamado Kakaji) e Lady Taraben tiveram muitos filhos. Os três primeiros foram raparigas — Kusum, Ratan (que morreu jovem) e Champavati. Depois veio um filho, Bhagwan. Como acontecia frequentemente numa família indiana patriarcal quando um filho chegava após várias filhas, ele foi totalmente mimado. Vários abortos espontâneos e duas filhas (Lily e Jaya) depois, tiveram outro filho, Prahlad.

Taraben e Sir CV eram muito religiosos e faziam a sua *puja* diária numa sala especial onde estava colocado um grande templo de prata intrinsecamente esculpido. Sir CV tinha uma paixão por homens santos e era uma espécie de caçador de gurus.

Em Poona, Sir CV tinha outro enorme e belo casarão chamado Dunlavin, com o seu próprio salão de baile, embora ninguém nunca dançasse lá. Um riacho corria pelos terrenos e havia também pomares de *chikoo* e goiaba. A propriedade fora outrora a Casa do Governo e estava decorada com deslumbrante mobiliário francês. Ratanji Dadabhoy Tata e a sua esposa francesa Soonie foram mais tarde os seus proprietários. Sir CV comprou esta casa à família Tata, incluindo todo o delicado mobiliário francês.

Quando estava em Poona, todas as manhãs dirigia-se a uma das *wadas* onde devotos do poeta e santo marata Tukaram se reuniam numa sala, tocando pratos, cantando alto e entoando "Tukaram, Tukaram". O Sir CV de costas direitas como um fuso, que era austero, sério e de temperamento terrível noutras ocasiões, erguia as mãos e girava e girava em devoção.

No seu tempo livre, Sir CV estava preocupado com a necessidade de amparo espiritual. Tinha fotografias grandes e emolduradas daqueles que

considerava santos espalhadas pela casa: Vivekananda, Mirabai, Raman Maharishi, Dilip Kumar Roy e Jiddu Krishnamurti, que ele afirmava (pelo menos nos anos 40) ser o "maior dos maiores". Sir CV escolheu ele próprio os noivos para as suas quatro filhas.

Em termos de riqueza, não tinham o mesmo estatuto, ou seja, não eram de famílias de negócios ricas ou proeminentes. Mas eram todos respeitados e altamente considerados nas suas áreas de especialização. Kusum casou com Sir Harilal Kania, o primeiro Chefe de Justiça da Índia; Champavati casou com um médico FRCS, o Dr. Shantilal Mehta; e Lily casou com o Dr. Marphatia, o médico que iniciou a primeira enfermaria psiquiátrica no Hospital J.J. Enquanto as conversas na Ridge Road pareciam centrar-se em dinheiro e negócios, Sir CV pensava em cultura e respeitabilidade social quando se tratava de escolher parceiros para os filhos.

Sir CV recebeu a resposta de Vinayak dizendo que Pupul já estava comprometida, e perguntando se ele gostaria de casar o seu filho Bhagwan com Nandini. As duas famílias guzerates de renome, a de Sir CV Mehta e a de Vinayak Mehta Esq., de uma forma estranha, glamorizavam-se mutuamente. Sir CV era bem visto pela sua perspicácia empresarial, a sua casa no Malabar Castle, os seus títulos, frota de carros e joias deslumbrantes. A mundana Iravati desejava casamentos invejáveis para as filhas e deixou-se levar pelas credenciais de Sir CV. Sir CV, por seu lado, admirava Vinayak como um homem brilhante do ICS que se tornara, por essa altura, Primeiro-Ministro de Bikaner.

Bhagwan era um solteiro extremamente cobiçado e tinha muitas propostas. Ele também se tinha afirmado na indústria têxtil. Embora Bhagwan nunca tenha sobressaído academicamente, tinha uma mente perspicaz. Na juventude, adorava ler os clássicos e tirava notas copiosas. Era um bom desportista, jogando ténis, golfe e badminton. Tal como o pai, em privado tinha um temperamento terrível. Para os de fora, no entanto, especialmente para os Parsis e estrangeiros, que ele adorava, era absolutamente charmoso. No momento em que Bhagwan viu a fotografia de Nandini pela primeira vez, ficou determinado a casar com ela e a rejeitar todas as outras potenciais noivas.

Nandini, contudo, não ficou inicialmente impressionada com Sir CV e mostrou uma grande relutância em casar. Mas os seus pais, Vinayak e Iravati, persuadiram-na gentilmente a aceitar. Vinayak dizia: "Eu era exatamente como tu, Nandini, na tua idade, mas vê como sou feliz agora com a querida mamã".

Sir CV escreveu de volta a Vinayak a dizer que Bhagwan ia visitar alguns locais em trabalho, e propôs visitar Bikaner também. A razão pela qual ele vinha a Bikaner era bastante óbvia. Mais tarde, a família soube que a viagem de Bhagwan por Deli, Cawnpore, Agra, Bikaner e Ahmedabad servia apenas para

ver as várias raparigas que estavam alinhadas pelo seu pai como potenciais cônjuges.

Bhagwan foi convidado da família de Vinayak durante uma semana. Ele desfez-se em elogios à família, comprou presentes e pareceu muito interessado em casar com Nandini. Até então, a adolescente Nandini tinha levado tudo como uma grande piada. Estava também lisonjeada com a ideia de Bhagwan a perseguir e lhe dar tanta importância. Com a presença dele em Bikaner, percebeu pela primeira vez que o assunto era sério e que se esperava que ela se decidisse de uma forma ou de outra.

A família dela estava muito interessada neste casamento e tentaram persuadi-la a dar o seu aval. Vinayak explicou à filha que, como ela era bastante introvertida e não era exatamente o tipo de rapariga que saía, fazia amigos e escolhia o seu próprio parceiro, esta era a melhor alternativa para ela. Sugeriu que ela ouvisse os pais e aceitasse o casamento arranjado. Os pais de Nandini salientaram que a família de Sir CV era excelente, que Nandini estaria confortavelmente bem de vida e que seria certamente muito feliz.

Nandini não estava entusiasmada, mas deixou-se levar pela situação. Não se apercebeu de como uma relação matrimonial pode mudar a vida. O seu único contacto com uma relação desse tipo era a dos seus pais. Ela assumiu ingenuamente que todas as relações eram como a deles, baseadas na confiança mútua e num profundo amor e cuidado pelo outro — e acabou por aceitar considerar a proposta.

Alguns meses mais tarde, Nandini e a mãe viajaram para Bombaim, onde ela e Bhagwan ficaram noivos. Sir CV estava exultante. Disse ao avô de Nandini que a sua família tinha, de facto, sorte por ter conseguido uma rapariga brâmane, filha de V. N. Mehta. Bhagwan e Nandini estiveram noivos durante alguns anos. Durante este tempo, não houve romance nem intimidade. Sempre que Nandini o visitava em Bombaim, ia a casa dele. Numa ocasião, recordou como ele segurava um inalador do Dr. Nelson no nariz e caminhava de um lado para o outro na varanda a discutir as suas adenoides e seios nasais em minucioso detalhe.

O casamento realizou-se no Madhav Bagh, em Bombaim, a 8 de Fevereiro de 1939, com grande pompa e esplendor. Muitas figuras nacionais compareceram. Dois dias depois, a irmã mais nova de Nandini, Amru, casou com Jayant Mehta, primo de Bhagwan. Após a cerimónia, quando Nandini entrou nos portais do Malabar Castle e se deparou com a estátua imponente de Shiva no átrio, este pareceu-lhe proibitivo e zangado, com guirlandas de crânios ao pescoço.

Bhagwan anunciou-lhe com voz severa: "Agora esquece a tua família. Esta é a tua família". Nandini ficou atónita; o seu coração gelou ao ouvir aquelas palavras, perguntando-se em que tipo de situação se tinha metido. Ficou cheia de

apreensão, pois era totalmente dedicada à sua família e não conseguia imaginar uma vida sem qualquer contacto com eles.

Passados alguns dias, Bhagwan e Nandini partiram num navio para a sua lua-de-mel em Ceilão, atual Sri Lanka. Amru e o marido Jayant juntaram-se a eles mais tarde.

Já durante a lua-de-mel, Nandini percebeu que este era um casamento de exigências físicas excessivas, sem um resquício de ternura e cuidado. Inicialmente, resistiu à pressão para ceder às necessidades e exigências de Bhagwan, mas cedo aceitou-o como o seu destino e sucumbiu a ele silenciosamente.

Desde os primeiros dias do seu casamento, Nandini compreendeu que o seu lar conjugal era uma casa guzerate *vaishnav* mergulhada em rituais intransigentes, muito longe dos sistemas de valores liberais em que tinha crescido. Nandini, com vinte e um anos, nunca tinha gerido tarefas domésticas na casa dos pais, e a cultura rígida, os ritos e os costumes da sua nova casa revelaram-se uma grande surpresa.

A sua sogra, Taraben, encarregou-se de ensinar à nova nora como executar os deveres domésticos, e Nandini foi obrigada a começar o dia sentada com uma grande *thali*, separando o trigo do joio. O treino de Taraben incluía rebaixar verbalmente Nandini à frente dos empregados da casa, dar-lhe lições sobre moralidade e bom comportamento, e dizer-lhe que tinha sido mal educada.

Dois meses após o enlace, Nandini ficou grávida do primeiro filho. No início da gravidez, ela e a irmã Amru visitaram os pais em Nainital. Foi um tempo idílico, e sentiram-se amadas e mimadas. Enquanto estava em Nainital, Nandini começou a sofrer de enjoos matinais. O seu pai indulgente disse imediatamente às filhas: "Vou alugar um apartamento para vocês em Bombaim e enviar o Souza, o meu melhor cozinheiro, para lá. Ele pode cozinhar o que vocês quiserem e desejarem. E podem ter um espaço só vosso". Este era o tipo de pai, marido e homem que Vinayak era — sempre a pensar no conforto e bem-estar da sua prole. Não admira, pois, que a família o adorasse na mesma medida.

Nandini e Amru ficaram com os pais cerca de um mês, tempo durante o qual Nandini pediu a Bhagwan que se juntasse a eles, mas ele recusou. Ele estava extremamente zangado por ela estar fora há tanto tempo e escreveu-lhe ameaçando-a com consequências terríveis se não regressasse em breve.

A 13 de Dezembro de 1939, Nandini e Bhagwan tiveram o seu primeiro filho, uma menina a quem deram o nome de Devyani. Um avô Vinayak entusiasmado escreveu efusivamente a Nandini dando as boas-vindas à neta ao mundo. Visitou a mãe e a criança pouco depois e ficou encantado por passar tempo com o bebé e cobri-lo de afeto.

Dias depois, partiu para Allahabad. Na estação de comboios em Bombaim, Vinayak inclinou-se para fora do comboio e continuou a acenar até o comboio se afastar. Foi uma recordação que Nandini guardou durante décadas, pois seria a última vez que veria o seu pai.

Menos de um mês depois, em Janeiro de 1940, Vinayak faleceu durante o sono, provavelmente devido a uma paragem cardíaca súbita. Foi um choque para todos os que o conheciam. Tinha apenas 56 anos e parecia tão são e vigoroso. A sua amada Iravati estava ao seu lado quando ele morreu. Não só fora um pai e marido extremoso e um homem com uma carreira promissora, como era também o pilar de força da sua família.

Dominada pela dor, Iravati mudou-se para Bombaim, onde vivia a maioria dos seus filhos. Toda a família ficou destroçada com a realidade de que a figura imponente, a luz das suas vidas, tinha partido. Nandini apertou o seu pequeno bebé contra o coração e chorou silenciosamente, longe dos olhos dos sogros. Tinha dificuldade em aceitar que o seu querido Papá já não existia. Quem a amaria e protegeria como ele o fizera? Com quem falaria sobre os seus problemas? Preocupava-se com a forma como ela e os irmãos iriam consolar e cuidar da mãe, que estava completamente destroçada e envolta em dor.

Iravati alugou uma casa a uma curta distância a pé de onde Nandini vivia em Bombaim. Pupul também tinha um apartamento em Himmat Niwas, do outro lado da rua da casa da mãe, enquanto Amru vivia ali perto, em Breach Candy.

Nandini visitava a casa da sua mãe frequentemente. Embora enfrentassem muitos problemas emocionais e financeiros, a atmosfera ali era alegre e carinhosa, e todos se apoiavam mutuamente. No Malabar Castle, Nandini afundou-se ainda mais nas tarefas da domesticidade, que incluíam distribuir a ração diária ao pessoal. A sua filhinha tornou-se o centro da sua vida, e isso ajudou-a a aceitar lentamente o falecimento do pai. Bhagwan levava uma vida muito ocupada. Jogava golfe de manhã. Depois, fazia as rondas pela Century Mills e ia para o seu escritório. À noite, gostava de ir ao Willingdon Club para jogar *bridge*. Quando Devi tinha cerca de quatro ou cinco meses, Bhagwan começou a insistir para que Nandini o acompanhasse ao clube. Embora ela secretamente detestasse ter de o acompanhar, juntava-se a ele no clube na maioria das noites, sentando-se ao seu lado enquanto ele jogava cartas.

Ele dizia-lhe que esperava que ela se misturasse livremente e entretivesse os seus amigos, e que ela precisava de começar a beber álcool (mas nunca comer carne), caso contrário pareceria uma tola na companhia que ele frequentava. Bhagwan era uma pessoa dominadora e extremamente possessiva em relação a Nandini. Sob instrução dele, ela usava maioritariamente *saris* de chiffon branco com bordados *zari* e saltos altos no clube. Em público, ele gostava de caminhar com o braço sobre o ombro dela e proclamar aos outros que ela era sua. Gostava

que os homens olhassem fixamente para o seu belo rosto, para a sua forma esguia.

Gostava bastante de a exibir e, se um fotógrafo da imprensa tirasse uma foto dela, sentia-se lisonjeado. As suas fotografias, como a bela esposa de um industrial de Bombaim, foram tiradas pela revista *Vogue* em 1948.

Com a família de Nandini a viver por perto, e a sua mãe inconsolável após a morte do marido, houve um aumento da interação entre eles. Bhagwan começou a expressar o seu desagrado pela família dela. Deu a todos alcunhas pouco lisonjeiras, criticando-os regularmente perante Nandini. Apenas Kumi foi poupado, talvez por ser de um tipo suave e calmo que estava algo impressionado com a riqueza e posição de Bhagwan.

Bhagwan ficava zangado e loucamente ciumento se Nandini elogiasse o marido da sua irmã na presença dele. Entretanto, não hesitava em repreendê-la continuamente e dizer-lhe que ela era inútil como esposa. Embora as palavras de Bhagwan magoassem Nandini profundamente, ela permanecia em silêncio, raramente retaliando. Resignando-se ao facto de que esta era a sua vida, Nandini acomodou-se às rotinas que dela se esperavam no Malabar Castle. Realizava os rituais e cerimónias religiosas que lhe eram exigidos e fazia a *puja* diária, embora lhe fosse completamente alheia.

Nos seis anos seguintes, Nandini teve mais dois filhos: Ghanshyam, nascido em Julho de 1943, e Vikram (alcunhado de Kaka), nascido em Agosto de 1946. Toda a sua existência passou a ser os seus três filhos. Ela era fisicamente muito demonstrativa e abraçava-os e beijava-os muito, cobrindo-os de amor e afeto. Isto não foi bem aceite pelo resto do clã de Sir C.V. Mehta, que acreditava que demonstrar afeto era um sinal de fraqueza. No número 42 da Ridge Road, nunca havia qualquer demonstração de afeto físico ou ternura, nem mesmo para com as crianças.

Tanto quanto era capaz de impor, Bhagwan tentava impedir Nandini de interagir com a sua mãe e irmãs. Se alguma das suas irmãs lhe tocasse ou a beijasse, ele dizia: "Há algo de antinatural nesta demonstração de afeto. Por favor, diz à tua família para não te beijar. Se não o fizeres, eu direi a eles para tirarem as suas mãos imundas de cima da minha mulher". Nandini tentou argumentar com Bhagwan que, pelo facto de ele não ter crescido com afeto físico dos seus pais, porque eles nunca o tinham mimado ou acariciado, talvez ele não conseguisse compreender que era, na verdade, bastante natural e normal que os irmãos fossem afetuosos uns com os outros.

Nandini estava muito interessada em fazer trabalho social. Em diferentes momentos, quis ser voluntária numa maternidade, ajudar a editar uma revista infantil com a sua irmã e prestar assistência no apoio a refugiados, mas Bhagwan proibiu-a de tudo isso. Ocasionalmente, Nandini entregava-se ao seu amor pela

pintura e, quando se sentia particularmente feliz, ria-se alto e cantava para os seus três filhos. Isto também era mal visto. De facto, a sua sogra acreditava que era imodesto as mulheres mostrarem os dentes.

Na rara ocasião em que Taraben se permitia sorrir, escondia os lábios com a palma da mão. Vestia-se bem e usava joias finas, e mantinha sempre uma seriedade estoica. Criticava Nandini dizendo: "Ries-te demais e mostras os dentes". Embora Nandini não concordasse por um momento com o conselho da sogra sobre a alegria, o riso e a sua expressão, raramente se manifestava contra ele.

Apesar de todo o esplendor e riqueza material da família, havia um ar de melancolia no Malabar Castle. Ninguém se ria ou contava piadas, não havia festas nem jantares especiais, e os convidados (incluindo parentes) eram proibidos de entrar nos portões imponentes. Era um lugar sombrio e silencioso, e todos estavam nervosos e amedrontados com os acessos de fúria de Sir CV, pois ele tinha um temperamento notoriamente mau.

Enquanto o resto do mundo admirava a casa palaciana em que os C.V. Mehta viviam, e os considerava modernos e libertos de mentalidade, a realidade era bem diferente. Nandini era obrigada a vestir as crianças exclusivamente de branco. Tinha de zelar por todos os confortos pessoais de Bhagwan. Se, ao vestir-se, ele descobrisse que faltava um botão numa camisa, vociferava e lançava insultos. Gostava de dizer que era muito negligenciado porque a sua mulher estava sempre com a mãe e as irmãs. Nandini absorvia esta dose diária de abuso psicológico em silêncio, sem qualquer indicação exterior de aborrecimento. Se ela traísse o mais pequeno sinal de que estava perturbada, ele entrava em fúria.

Nandini queria muito ajustar-se ao seu lar conjugal e fazer o que se esperava dela. Após o nascimento do seu terceiro filho, decidiu tentar adaptar-se mais. Começou a ir ao clube, às corridas e ao cinema com Bhagwan regularmente e até aprendeu a jogar golfe, juntando-se a ele nas suas rondas matinais. Havia regras rígidas que Nandini tinha de seguir quando saía com Bhagwan. Se se cruzasse com a sua família, não podia falar com eles. Só podia falar com aqueles que Bhagwan aprovasse. Só ele podia convidar pessoas para o seu camarote no hipódromo, só ele podia convidar pessoas para almoçar ou jantar com eles no clube. Ele nunca deixava de repetir e enfatizar que "Uma vez que uma rapariga se casa, torna-se um com o seu marido, e deve esquecer tudo exceto ele".



CAPÍTULO 5

DE CABEÇA PARA BAIXO, DE DENTRO PARA FORA

A Segunda Guerra Mundial terminou e, dois anos mais tarde, a declaração de independência tornou a Índia livre. Krishnamurti regressou à Índia em Outubro de 1947, após um hiato de nove anos. Tinha passado os anos da guerra em isolamento relativo na Califórnia, grandemente traumatizado pela violência da guerra, particularmente pelo lançamento das bombas atômicas. Durante a década de 1940, o governo dos EUA proibira-o de falar contra a violência e de realizar reuniões públicas.

Quando ele chegou à Índia, Sir CV levou os seus dois netos novos, Devi e Ghanshyam, ao aeroporto para conhecerem o "grande homem". Sir CV era um grande admirador de Krishnamurti. Na biografia de Krishnamurti escrita por Pupul Jayakar, ela descreve o que Sir CV disse à sua nora Nandini quando regressou a casa vindo do aeroporto. Falou de um "jovem ser maravilhoso, que desceu a correr as escadas do avião e, como um feixe de luz, veio em nossa direção".

Nesta viagem, Krishnamurti ficou alojado na residência do conhecido industrial Ratansi D. Morarji. Todas as manhãs havia uma recepção aberta com Krishnamurti. Muitas pessoas reuniam-se para o ouvir e conhecer. Tal como Sir CV tinha encorajado Nandini a conhecer todos os outros gurus que ele acolhera no seu coração, convenceu Nandini a juntar-se a ele para as sessões matinais com Krishnamurti. No diário de Nandini, cerca de 1978, é assim que ela descreve o seu primeiro encontro com Krishnamurti:

Embora estivesse sol lá fora, a sala estava escura. Um homem vestido de branco estava sentado rodeado por uma dúzia de pessoas. Entrei na sala e sentei-me rapidamente, um pouco nervosa. Havia quietude, uma calma em torno do homem. Em breve ele parou de falar e virou-se. Olhou para mim, fixando-me diretamente nos olhos.

Assim que a palestra terminou, ele veio e pôs-se ao meu lado e perguntou: "Porque vieste?". Senti uma tremenda vaga de emoção percorrer-me. Não houve alegria ou tristeza consciente, mas senti-me arrastada como que por uma tempestade — assoberbada. Senti necessidade de chorar, e isso veio dos recessos

mais profundos do meu coração, daquelas profundezas invisíveis e desconhecidas que a mente consciente não consegue tocar.

Não estava triste, mas estaria alegre? Não sei. Depois ouvi o seu riso. Senti uma mão na minha cabeça. Olhei para cima e encontrei a mão de Krishnaji tocando suavemente na minha cabeça.

Ela continuou a recordar os primeiros encontros com Krishnamurti quando este regressou a Bombaim novamente em Janeiro de 1948, após alguns meses em Adyar, Madras. Este encontro revelou-se muito significativo para o curso da sua vida. O seu diário diz:

Hoje, trinta e um anos depois, quando olho para trás para esses dias, a memória surge sem o fardo da emoção. Vejo que voltei repetidamente todas as manhãs para ouvir e encontrar Krishnaji. Era a mesma sala, com pessoas em discussão profunda. Krishnaji falava da beleza do pôr do sol, de experiências, da memória — a maioria daquelas palavras mal fazia sentido para mim.

Um dia ele virou-se para mim e perguntou: "Quando me vens ver? Não me querias encontrar?".

Ouvi isto e não respondi. "Tens medo do teu sogro?", perguntou-me ele. "Claro que não", interveio imediatamente o meu sogro Sir CV.

Quando Krishnamurti falava em "encontrá-lo", referia-se às sessões privadas, individuais, chamadas entrevistas, que ele tinha frequentemente com os interessados em discutir a sua vida com ele. A primeira entrevista de Nandini foi marcada para o dia seguinte. É assim que ela a descreve no seu diário:

Krishnaji estava vestido com roupas imaculadamente brancas. O seu toque era tão suave, tão leve; na verdade, ele quase não toca. Os seus olhos eram insondáveis, castos como uma tempestade de Verão, quietos como águas tranquilas. O seu riso era como chuva em terra seca. O seu corpo, com os seus ombros descaídos, era gracioso. Havia radiância e beleza quando entrei na sala.

"Não te vou comer", disse ele. Ouvi o seu riso, notas musicais como riachos correndo para outros riachos. Fiquei ali assoberbada, desenraizada como uma árvore arrastada por uma tempestade e atirada para o lado. Fiquei a olhar para ele. Todos os meus sentidos ganharam vida. Era como se tivesse nascido de novo.

Isto é o que recordo olhando trinta e um anos para o passado. Mas como posso captar essa qualidade maravilhosa daquele primeiro encontro com Krishnaji?

A primeira coisa que contei ao Krishnaji foi sobre o meu filho Ghanshyam, que nasceu com um defeito congénito no olho. Os médicos tinham-me dito que

nada podia ser feito e que nenhum poder na terra poderia melhorar aquele olho. Mas eu acreditava no contrário.

Mais tarde, levei o Ghanshyam a ver o Krishnaji em várias ocasiões. Ele sentava-se no joelho do Krishnaji e segurava-lhe a mão. O Krishnaji punha a mão nos olhos dele. Punha a mão na cabeça dele em bênção. Um dia, o Krishnaji disse-me: "Pergunta-lhe o que ele sente em relação a mim, se gosta de mim?". O Ghanshyam respondeu: "Sim, gosto dele, ele é doce como um *jalebi*".

Jalebi era a sobremesa favorita de Ghanshyam, por isso comparar Krishnaji a esse doce era de facto um elogio vindo da criança.

Por esta altura, Krishnamurti começou a dar as suas palestras públicas nos relvados da casa de Sir CV, o Malabar Castle. Ele sentava-se sobre uma secretária belamente esculpida e proferia o seu discurso. Toda a temporada de palestras públicas foi dada a partir da própria casa onde Nandini vivia e ela, naturalmente, assistiu a todas elas.

O famoso escritor e crítico do século XX, George Bernard Shaw, disse uma vez a célebre frase de que Krishnamurti era a pessoa mais bela que alguma vez vira. Muitas pessoas que o conheceram sentiram-se igualmente maravilhadas com a sua presença. "Pergunto-me", escreveu Nandini, "se haverá uma única pessoa que, após ver o Krishnaji e ter fé nele, não despeje todos os seus problemas perante ele". Relata-se também que Aldous Huxley afirmou que ouvir Krishnamurti era como "ouvir um discurso do Buda".

O marido de Nandini, Bhagwan, também falava com Krishnamurti. Muitas vezes convidava Krishnamurti para um passeio de carro e Nandini juntava-se a eles. Bhagwan vira Krishnamurti pelo menos cinco vezes durante este período e pedira a sua ajuda para os seus problemas. A mãe de Nandini, Iravati, também começou a encontrar-se com Krishnamurti. Durante anos, ela fora incapaz de recuperar da tragédia da morte prematura do seu marido, mas logo após conhecer Krishnamurti, começou a superar a sua dor e a encontrar alegria em viver. Eis o que Nandini disse no seu diário sobre as primeiras entrevistas que teve com Krishnamurti:

Sei que, quando regressei a casa após aquela primeira entrevista, abracei plenamente as barras de ferro da minha janela. Lembro-me de que não tinha pensamentos, exceto a necessidade de voltar àquela sala na casa de Ratansi Morarji para lhe contar mais sobre a minha vida, a família com a qual me tinha casado, os meus filhos, os meus dias dourados nas Províncias Unidas, a morte do meu pai, a minha mãe carregada de dor, as minhas irmãs, o meu irmão.

Nestas discussões com o Krishnaji, não mencionei de todo o homem com quem me tinha casado. Em entrevistas subsequentes, lembro-me de lhe dizer que ninguém se ri na casa do meu marido e que falam de dinheiro o tempo todo. "Quero paz", disse eu. "Não quero nada de riqueza ou posição".

"Paz?", repetiu o Krishnaji olhando para mim. Os seus olhos pareciam estar a perscrutar a minha mente. "Amas o teu marido?", perguntou ele seriamente um dia, com aqueles olhos gravemente quietos fitando os meus. Tudo parecia ter parado de se mover e de funcionar dentro de mim. "Amo a minha família", respondi finalmente. "Na casa dos meus pais eu ria e cantava, adorava pintar. Costumava montar a cavalo e brincar. O meu pai era o mais amado, e a minha mãe era a estrela no meu horizonte. Ninguém me falava em tons zangados, ninguém se preocupava em discutir dinheiro. O meu pai era belo, a minha mãe maravilhosa. Tudo isso partiu. Mas amo os meus filhos, os meus filhos são tudo o que tenho".

Quando saí da sala naquele dia, todas as âncoras tinham desaparecido; eu estava sem rumo.

O que era este estar "sem rumo" a que Nandini se referia? Seria ela a confrontar-se com a infelicidade de longa data na sua situação matrimonial? Havia inúmeras razões para Nandini ser infeliz no seu casamento com Bhagwan Mehta. As regras rígidas, os hábitos alimentares estritos, a ausência de riso, afeto e amor, o marido dominador — estes eram problemas preocupantes, mas Nandini considerava-os questões que podia suportar.

Além destas questões, havia a constante tortura e abuso psicológico que ela suportava porque Bhagwan e Nandini eram essencialmente sexualmente incompatíveis. As ideias de Bhagwan sobre o papel de uma esposa incluíam a rendição total e a aquiescência aos desejos físicos do marido, e os dele eram altamente complexos, exigentes e, ocasionalmente, brutais. No entanto, Nandini não conhecia forma de sair. Como ela escreveu:

Perguntei-me muitas vezes porque é que aguentava tanto, porque é que tinha permitido que estes anos todos passassem, e a única resposta que conseguia dar a mim própria era que, uma vez casada, tens de tentar fazer com que seja um sucesso. E esse tinha sido o meu esforço ao longo de todo o tempo, tentar tornar o meu casamento feliz. Pensei que, se continuasse a ceder, se continuasse a aguentar as coisas, um dia o Bhagwan iria reformar-se, um dia ele mudaria. Mas, em vez de surgir o melhor dele, ele começou a aproveitar-se de mim, começou a intimidar-me mais.

Havia outra questão preocupante sobre a qual Nandini se mantivera em silêncio durante cerca de um ano. Era tão pessoal que ela não tinha sido capaz de dizer nada sobre o assunto, nem mesmo às suas aliadas mais próximas, a mãe e as irmãs. As exigências de Bhagwan no quarto tinham crescido progressivamente e, em 1947, atingiram um nível que ela era incapaz de tolerar. Ele começara a insistir em atos que ela considerava fisicamente dolorosos e emocionalmente agonizantes.

Em turbilhão mental, Nandini voltou os seus pensamentos para dentro. Ao longo de um período de tempo a ouvir as palestras de Krishnamurti, ela começou a perceber e a compreender que a vida que levava estava a esmagar algo dentro dela. Manter-se em silêncio estava a corroê-la e a destruir uma parte vital do seu ser. Os discursos de Krishnamurti tinham talvez aberto os seus olhos para a realidade da vida que levava. Não estava mais disposta a aceitar a brutalidade e a violência física na sua relação matrimonial.

Como é que Krishnamurti ajudou Nandini durante este tempo? O conselho de Krishnamurti para ela foi sempre o de agir por si própria, "a partir das profundezas do autoconhecimento. Fazer o que se acredita verdadeiramente ser o correto". Só então, dizia ele, se pode enfrentar e sustentar as próprias ações. Não se pode ter uma dependência do guru; a dependência precisa de ser de si próprio, da sua força interior, pois, eventualmente, "o guru desapareceria".

Em Outubro de 1948, grandemente perturbada pelas exigências e comportamento do marido, Nandini abordou o seu sogro. Ele fora sempre muito respeitador e apoiara-a, e ela sentia que ele era alguém a quem podia recorrer. Ele sugeriu que ela viajasse com ele para Poona para assistir a uma série de palestras de Krishnamurti.

Na altura, Nandini encontrava-se num estado de desespero. Um incidente em particular foi tão aterrorizante que Nandini ficou mergulhada em dor e angústia. Contudo, para Bhagwan, ele estava a exercer os seus direitos conjugais. Para Nandini, foi um marco catastrófico. Foi a gota de água que transbordou o copo. Ela própria o explica:

Desejaria que nesse dia tivesse feito barulho suficiente para atrair toda a família. Mas algo aconteceu comigo nesse dia, algo tão irrevogável, tão final, que decidi que, não importava o que me acontecesse — quer passasse fome ou fosse expulsa para a rua, quer perdesse os filhos ou não — eu não permitiria que ele se aproximasse de mim. Esta não foi uma decisão precipitada ou um capricho, não foi uma panca passageira no meu cérebro. Foi uma sequência de acontecimentos que culminou nesta decisão. Foram dez anos de miséria que terminaram num ano de horror.

Finalmente, tinha-me decidido, sabendo perfeitamente o que seria a minha vida depois de lhe dizer não. Passei muitas noites sem dormir. Passei por agonia e tortura e conheci um medo tal porque previa as consequências das minhas ações. Mas a agonia da minha vida era tal que eu estava preparada para tudo. Estava preparada para enfrentar o pior. Eu não conhecia a minha posição legal então; estava convencida de que estaria a colocar-me numa posição errada ao dizer não às relações matrimoniais, mas tinha-me decidido. Decidi que tentaria explicar-lhe, argumentar com ele, lançar-me à sua mercê. Rezei a Deus para que

ele compreendesse. Estava num tal estado de conflito mental e desespero que estava quase suicida.

Durante perto de um ano, de Março de 1948 a Março de 1949, ameaças e linguagem abusiva foram frequentemente lançadas contra Nandini. Durante três meses, quando Bhagwan viajou para a América, Nandini e os filhos tiveram um pouco de descanso. Mas quando ele voltou, a sua ira tornou-se pior. Ele agredia-a fisicamente se ela se recusasse a satisfazê-lo.

Em Novembro de 1948, logo após regressar de Pune, Nandini mudou-se do quarto conjugal para o quarto de vestir adjacente. Disse a Bhagwan que passaria a ser celibatária de então em diante. Assim que fez este anúncio, instalou-se o caos. Ele ficou enfurecido e mais forçado. Nandini sofreu um esgotamento nervoso e esteve sob tratamento durante quase dez dias. Gritos, abuso verbal e tortura psicológica tornaram-se rotina diária. Durante uma das discussões, Bhagwan disse: "Como ousas recusar-me os meus direitos? Quando casaste comigo, o contrato era dar-te dinheiro e um lar, enquanto tu me davas o teu corpo. Sai da minha casa; perdeste todos os direitos aos filhos, ao lar, ao dinheiro e à segurança".

Bhagwan ameaçava frequentemente tornar a vida de Nandini um inferno. Falava em cortar o acesso ao dinheiro, ao carro e aos filhos. Tentou manter os filhos longe dela. Não a deixava levar as crianças a casa da mãe dela. Por vezes, não a deixava passar tempo com eles em casa, embora o mais novo tivesse apenas três anos. Afirmava que ou a enlouqueceria ou a expulsaria de casa. Na presença dos filhos, ele gritava, insultava, batia e insistia que pediria o divórcio ou a restituição dos direitos conjugais.

Um dia, Nandini estava particularmente perturbada quando falou com Krishnaji: "O que hei de fazer?", perguntou ela. "Ele tem sido violento, atacou-me, insultou-me, não me deixa chegar perto das crianças". Krishnaji respondeu: "Olha, sê clara, observa. Encara-o de frente, não reajas a ele. Não tenhas medo. É claro que fisicamente tens de te proteger, mas interiormente devolve-lhe o que ele te atira. Deixa que a chama preencha o teu ser — deixa que ela aja".

O abuso fez algo a Nandini interiormente. Embora estivesse em fúria por dentro, nunca uma vez mostrou a sua dor ou medo a Bhagwan. Nem uma única vez verteu uma lágrima diante dele. Reunindo força interior, ela sabia que vergaria, mas não permitiria quebrar-se.

A 11 de Março de 1949, surgiu uma discussão entre Nandini e Bhagwan sobre onde o mais novo, Kaka, de três anos, deveria dormir, o que resultou num Bhagwan enfurecido a causar-lhe hematomas físicos. Ela ficou abalada e traumatizada. Três dias depois, era a noite do festival de Holi, a 14 de Março de 1949. Bhagwan e Nandini estavam novamente numa discussão, com ele a exigir que Ghanshyam, que estava com ela, fosse para o quarto dele. Quando ela

resistiu, estalou uma briga. Ele golpeou Nandini e pressionou o cotovelo no pescoço dela. Nandini gritou por socorro.

A sua *ayah*, Kamala, entrou no quarto e implorou a Bhagwan que a largasse. Isto culminou com toda a casa, incluindo os sogros, a entrar no quarto. Muitas palavras duras foram ditas, e foi dito a Nandini para sair de casa. Bhagwan ameaçou que ela teria notícias dos seus advogados no dia seguinte. Havia tal fúria na sua postura que Nandini temeu que ele estivesse pronto até para bater no próprio pai, que tentava acalmá-lo. Sir CV acabou por retirar a criança que estava no centro da altercação e abandonou o local com ela. Taraben juntou-se ao seu filho ao dizer a Nandini para sair da casa deles.

Agitada e atormentada, Nandini disse finalmente: "Vou-me embora e não volto". Para Taraben acrescentou: "Pergunto-me como é que a senhora, como mulher, não se compadece de mim. Suponha que tudo isto lhe tinha acontecido a si?". Depois, uniu as mãos num *namaskar* para Taraben e saiu de casa.

Nandini correu para fora do recinto e foi apenas quando finalmente saiu pelo portão que desatou a chorar — de profunda dor e humilhação. Eram 22h30. Correu os 200 metros até à casa da sua mãe. Só quando alcançou a segurança da casa da mãe é que colapsou num amontoado de emoções. A violência com que fora atingida e expulsa do seu lar conjugal naquele dia mudou algo intrinsecamente nela. A linha fora cruzada. Resolveu para consigo nesse dia que nunca mais permitiria que ninguém a agredisse novamente.

CAPÍTULO 6

A DISPUTA JURÍDICA

SEGUIRAM-SE MESES DE ACUSAÇÕES DE AMBOS OS LADOS. Alguns familiares e amigos tentaram mediar uma reconciliação. A certa altura, decorreu uma discussão entre um membro masculino da família de Bhagwan e Nandini. Ele argumentou que a agressão de Bhagwan a Nandini era justificada, uma vez que ela própria admitira uma vez que, de facto, o tinha provocado. A isto, Nandini respondeu: "Por favor, não esqueça a referência ao contexto em que eu disse que o provoquei. Eu queria levar os meus filhos a casa da minha mãe. Ele insultou-me violentamente e bateu-me.

Quando lhe perguntaram se me tinha insultado e batido, ele disse: 'Sim, mas tu provocaste-me, por isso bati-te'. Se levar os meus filhos a casa da minha mãe e não concordar com cada palavra e exigência dele era provocação, então a resposta é sim, eu provoquei-o".

Ele disse que a violência física era justificada numa família e Nandini opôs-se veementemente à ideia, insistindo que não era aceitável um homem bater na sua mulher, sob circunstância alguma. Com estes debates, a própria posição de

Nandini tornou-se abundantemente clara para ela. Ela permaneceria celibatária e não toleraria qualquer violência física. Tudo o resto ela estava pronta a aceitar, ajustar e transigir. Estava até pronta a voltar para o número 42 da Ridge Road por causa dos filhos.

Todas as tentativas de resolução extrajudicial de diferendos ou de reconciliação revelaram-se inúteis. Bhagwan recusou-se a permitir que ela visse os filhos, causando a ela e às crianças um grande tormento. Nandini cedo pediu a separação judicial e a custódia dos filhos com base em crueldade. Assim começou uma longa e prolongada disputa legal pela custódia dos seus três filhos de nove, seis e três anos.

Contra o dinheiro, o poder e o acesso de Bhagwan a uma enorme equipa jurídica, Nandini tinha muito poucas hipóteses de ganhar o processo. O juiz decretou que, na questão das alegações de crueldade sexual de Nandini, ele "não tinha hesitação em recusar permitir que a pergunta fosse feita ou que as alegações fossem formuladas". Era um reflexo claro da época. Uma era em que um juiz podia trazer os seus próprios preconceitos e opiniões pessoais sobre a peticionária e permitir que a riqueza do réu colorisse livremente o seu julgamento.

Todas as alegações de crueldade, agressão, tortura sexual e psicológica foram simplesmente rejeitadas e não consideradas parte do caso. O que ganhou destaque, em vez disso, foi o ponto defendido pelos advogados de Bhagwan: que Nandini era imatura e fora "indevidamente influenciada" pelos ensinamentos de Krishnamurti para se revoltar contra o que era a norma na cultura e nos lares indianos. E, como Nandini nunca falou publicamente sobre a violência no casamento, foi a isto que os meios de comunicação se agarraram.

Para os jornais diários, era coscuvilhice interessante para ser publicada. A mulher de um proeminente industrial tinha-o deixado sob a influência de um guru. Parecia exatamente o tipo de história que abalaria a alta sociedade de Bombaim. Era o enredo perfeito para um folhetim. Como Pupul Jayakar, irmã de Nandini, escreveu na biografia de Krishnamurti, após a história ser tornada pública, "Os homens olharam de novo para as suas mulheres, os clãs fecharam-se... E, acima de tudo, os olhos da cidade voltaram-se para Krishnamurti".

Pupul Jayakar estava preocupada com o facto de a batalha pela custódia da sua irmã ter impacto em Krishnamurti, mas este mal se preocupava com a má imprensa. Não o incomodava que os seus discursos estivessem a ser citados longamente num processo civil. Não era afetado pelo facto de os advogados de Bhagwan estarem a argumentar que ele tinha incitado Nandini a agir contra o marido. Em resposta à tentativa de Pupul de o proteger das consequências públicas negativas do processo, ela revela no seu livro que ele lhe disse: "Estás a tentar proteger-me? Há seres muito maiores que me protegem. Não hesites. Faz o

que está certo para a Nandini e para as crianças. As crianças são importantes. Não importa se ela ganha ou perde; se está certo, luta".

Quando o Juiz Weston, um dos poucos britânicos que restavam no Supremo Tribunal de Bombaim, proferiu finalmente a sua sentença a 3 de Janeiro de 1950, rejeitou a petição de Nandini. Ela perdeu a custódia dos seus filhos, embora nenhuma lei pudesse forçá-la a viver com o marido. Na sentença, Weston chegou ao ponto de afirmar que não achava que a dúzia ou mais de episódios de abuso físico alegados por Nandini tivessem ocorrido de todo. Declarou: "Considero o ato final da Peticionária ao sair de casa o resultado inevitável de uma situação que foi em grande parte criada por ela própria".

Enquanto em conversas pessoais alguns membros da família de Bhagwan tinham discutido e até justificado a violência física, na documentação legal esta foi completamente negada. Aos olhos da lei, as alegações de agressão de Nandini não tiveram qualquer fundamento. Em vez disso, a sentença argumentava que Nandini fora, sem dúvida, influenciada pelos ensinamentos de Krishnamurti. Ela fora levada a revoltar-se contra a sua posição de "capacho", a repudiar a sua relação com Bhagwan, a rejeitar o domínio de um marido sobre a sua mulher.

Esta tornou-se a versão socialmente aceite e prevalecente do motivo da saída de Nandini do casamento. O que significara exactamente ser esse "capacho" — os pormenores dos incidentes de crueldade ou agressão — ficaram por examinar. A revista *TIME* publicou um artigo intitulado "Revolt of a Doormat" [A Revolta de um Capacho] na sua edição de 16 de Janeiro de 1950. A história relata como a mulher de um dos milionários têxteis de Bombaim teve os olhos abertos pelos ensinamentos de Krishnamurti. Ela ouvira as suas palavras e analisara o seu estatuto desigual na relação; revoltara-se então contra a sua posição subordinada e tornara-se celibatária.

Para Nandini, a verdade era muito mais do que isso. A realidade era muito mais profunda do que qualquer história mediática pudesse alguma vez sondar. Para ela, foi o ponto de viragem da sua vida. Foi um esforço para pôr fim à violência e brutalidade que envolviam a sua existência. Foi uma situação horrível, uma luta desesperada de uma mulher financeiramente impotente na qual perdeu a custódia dos seus filhos.

Durante este tempo, ela visitou Krishnamurti em Bombaim, para falar e ouvi-lo. Quando ele partiu, trocaram cartas. Num diário escrito muitos anos mais tarde, Nandini refere-se a este período:

Como é que o Krishnaji me ajudou em 1948? Segurou a minha mão em amizade. Deu o seu amor abundantemente, asseverbrou-me com cuidado e atenção. Observou-me e ajudou-me a observar. Nas suas cartas, nunca uma vez me apaziguou, ou simpatizou comigo, ou sentiu pena de mim. Ajudou-me a superar a minha autocomiseração. As suas cartas nunca eram pessoais; eram

cartas escritas por uma pessoa que observava, ouvia e se importava. Estavam cheias de compaixão.

O estado do seu ser era apenas comunicado, ele não dava conselhos. Nunca elogiou nem comprometeu a sua percepção, nunca me empurrou em nenhuma direção. Nem me elogiou nem me culpou pela minha situação. Quando perdi o meu processo, quando os meus filhos estavam amedrontados e a chorar, ele segurou a minha mão.



CAPÍTULO 7

TEMPOS DE MUDANÇA

EM 1952, NANDINI TINHA PERDIDO A PETIÇÃO para a custódia dos seus filhos e o recurso subsequente fora também rejeitado. Encontrava-se frequentemente rodeada de línguas venenosas. As pessoas começaram a evitá-la; acusavam-na de arruinar uma família e de perturbar a paz numa casa ilustre. Foi acusada de abandonar os filhos. A conversa tornou-se maliciosa e trouxe também à baila o papel de Krishnamurti, que era visto como o guru que a tinha "desviado".

Não foram prescritos acordos formais de custódia na sentença final, pelo que o quanto Nandini podia ou não ver os filhos dependia dos caprichos de Bhagwan. Ele compreendia bem a necessidade que as crianças tinham da mãe e, embora tivesse tentado mantê-los afastados anteriormente, não continuou a fazê-lo. Bhagwan estabeleceu o que seria hoje considerado direitos de visita bastante generosos. As crianças podiam ver a mãe durante pouco mais de uma hora todas as noites.

Era-lhes permitido viajar com ela e com a avó durante seis semanas no Verão e uma semana durante a pausa do Diwali, numas férias pagas por ele. Adicionalmente, Nandini era autorizada a visitá-los quando estavam doentes. Além disso, Nandini receberia uma mesada mensal de 1.200 rupias, embora o pagamento efetivo desta ficasse dependente dos caprichos e estados de espírito de Bhagwan.

Ao longo do ano seguinte ao veredicto, Nandini, Bhagwan, Devi, Ghanshyam e Kaka estabeleceram um ritmo ténue de vida vivida entre duas casas diferentes, separadas por cerca de 200 metros. As noites eram a parte do dia que os três irmãos mais ansiavam, porque podiam passar tempo com a mãe.

A Devi frequentava a J.B. Petit School em Fort, e a vida na escola tinha sido particularmente difícil enquanto o processo judicial passava pelos media. As raparigas discutiam por vezes as coscuvilhices no jornal local. Quando o faziam, a Devi recorda-se de se esconder na casa de banho durante o recreio para fugir aos olhares interrogativos, às coisas indelicadas ditas sobre a sua mãe por aqueles que nada sabiam do que a família estava a passar. Culpava ela a mãe por os ter deixado? Sentia que ela os tinha abandonado? A Devi não sentia isso. Sendo a mais velha e tendo testemunhado uma boa parte da violência e do abuso verbal em casa, nunca guardou rancor da necessidade da mãe de partir. Nunca duvidou por um segundo da dedicação da mãe aos filhos.

Nandini acreditara ter um caso forte contra Bhagwan e, até ao fim, manteve a esperança de que ganharia a custódia. Nenhuma criança deveria ser colocada na posição de escolher entre o pai e a mãe, mas, dadas as circunstâncias das suas vidas em 1949-50, foi exatamente isso que aconteceu. Nas suas mentes, não havia competição entre o pai disciplinador, severo e de temperamento exaltado, que neles incutia medo, e a mãe suave, gentil e afetuosa. Todos os três irmãos adoravam a mãe e nenhum tempo de separação dela enfraqueceu esse amor ou apego. Pelo contrário, o afeto por ela fortalecia-se a cada dia passado separados.

Sem dúvida que Bhagwan reconhecia este grande apego. Sempre que as crianças se portavam mal, ou não faziam exatamente o que ele exigia, havia uma ameaça padrão que ele usava regularmente: "Hoje não vês a tua mãe". Isto tinha o efeito que ele pretendia. Incutia medo nas crianças, que ficavam aterrorizadas com a ideia de perder o precioso e escasso tempo de final de dia que tinham com Nandini.

Olhando para trás, contudo, não precisavam de ter temido essa ameaça. Pois, em todos os dias e anos em que essa ameaça foi feita, não houve uma única ocasião em que tenha sido efetivamente executada. Bhagwan nunca impediu as crianças de visitarem a mãe como castigo.

Lá no fundo, Bhagwan percebia e respeitava o quão profundamente os seus três filhos amavam a mãe. Quando ela esteve em Londres para uma cirurgia, as crianças escreveram-lhe cartas, expressando o seu amor. Quando ela se preparava para regressar à Índia, Bhagwan escreveu-lhe também: "Prepara-te para uma investida das crianças. A Juju (alunha da Devi) vai-te moer o juízo e os rapazes vão-te dar cabo do corpo".

É de louvar tanto a Bhagwan como a Nandini que, embora a separação tenha sido extremamente amarga e difícil, nenhum falava negativamente sobre o

outro, pelo menos ao alcance dos ouvidos das crianças. Ambos os pais amavam os filhos, embora tivessem formas completamente diferentes de o expressar.

Os irmãos ansiavam por todo o tempo que conseguissem ter com a mãe, absorvendo o amor que ela lhes dedicava. Para ela, o amor era cuidar, rir, mimar os filhos, cobrindo-os de afeto físico. Tinha uma capacidade tremenda de nutrir. Para ela, amor era nunca usar uma palavra dura, corrigir com gentileza. Amor era partilhar, dar, olhar para o lado positivo da vida. Tudo o que aprendeu sobre o amor através dos ensinamentos de Krishnamurti era uma parte importante de quem ela era. Em cartas que escreveu à Devi anos mais tarde, ela descreve a sua filosofia de amor:

Cuidar é o princípio do amor. Para amar, é preciso olhar para o outro com cuidado e gentileza, seja um pequeno cachorrinho, uma árvore ou uma criança linda e risonha. Cuidar, zelar, amar — é pensar cada vez menos em si próprio. Krishnaji diria que quanta mais atenção deres aos outros, menos pensas em ti próprio, mais amor e gentileza haverá em ti.

Bhagwan, por outro lado, não era de todo uma pessoa fisicamente afetuosa ou demonstrativa. Ele amava os seus filhos, mas a sua definição de amor era "amor severo". Estava sempre a corrigir, a ditar a lei, a julgá-los, a exigir melhorias, exigindo que vivessem e brincassem segundo as suas regras.

Ele fora criado num mundo materialista onde o dinheiro tinha uma importância primordial, e era isso que ele conhecia. Tinha tentado controlar Nandini com dinheiro, e talvez o tenha deixado perplexo o facto de ter falhado; o facto de ela não se importar nada com riqueza, objetos de desejo, joias, estatuto social ou posição.

Usando o seu próprio estilo de humor, ele dizia às namoradas que trazia para casa anos mais tarde: "Nandini é *de jure* minha esposa, mas não *de facto*".

Embora Krishnamurti tenha sido vilipendiado pelos advogados de Bhagwan na batalha pela custódia, ele pessoalmente não criticava Krishnamurti, além de dizer ocasionalmente que os seus ensinamentos eram "balelas". Noutras áreas, a influência de Krishnamurti permanecia. Por exemplo, o gosto de Bhagwan pela música clássica ocidental surgira das recomendações de Krishnamurti, e ele ouvia frequentemente essa música, tocando-a alto até altas horas da madrugada.

Era a irmã de Nandini, Pupul Jayakar, quem Bhagwan verdadeiramente culpava por "desencaminhar a Nandini", embora tenha sido através de Sir CV que Nandini conheceu Krishnamurti, e através dela que Pupul o conheceu. Pupul era uma mulher de espírito independente e frontal, e talvez Bhagwan não gostasse da força e do destemor que ela emanava.

Durante 1951-1952, pouco depois do embate judicial, e precisamente quando a realidade e as rotinas das suas vidas se estavam a estabelecer, dois

incidentes abalaram novamente a família. O primeiro foi o facto de Bhagwan ter perdido a Century Mills numa aquisição hostil pelos Birlas. Pouco depois, perdeu também os seus cargos de administrador em várias empresas. Isto deixou-o com um profundo sentimento de perda e frustração. No entanto, nunca perdeu a sua autoestima e ego, nem o seu peculiar sentido de humor.

Apesar da quebra nos seus negócios e prestígio, gostava por vezes de dizer aos filhos: "Eu sou o Príncipe de Gales". Tinha conhecido o sucesso muito cedo na vida e, particularmente durante os anos da guerra, o seu negócio têxtil trouxera-lhe grande riqueza. Tinha um ar de arrogância e confiança que vinha tanto do sucesso financeiro como da popularidade. Agora, subitamente aos 37 anos, estava sem o seu negócio, praticamente sem nada para fazer. Com dinheiro suficiente para se manter à tona, recusou-se a trabalhar para outrem, declarando que, em vez disso, dedicaria o seu tempo a criar os filhos. Fê-lo com mão autoritária. Mas, mais do que isso, a sua filosofia parental envolvia evocar o medo nos filhos. Tinha de se obter a sua permissão para tudo, até para ligar o rádio para ouvir o *Binaca Geetmala*.

Bhagwan tinha muitas excentricidades. Os seus filhos, por exemplo, eram obrigados a vestir de branco na maioria das ocasiões. Adorava listas. Tudo o que as crianças faziam tinha de ser documentado. O comprimento e a largura das suas malas tinham de ser medidos, e o número de camisas, calças e outras roupas nelas guardadas tinha de ser registado. Todos os meses, era administrada às crianças uma temida dose de óleo de rícino e elas tinham depois de redigir um relatório patológico muito embaraçoso para ele. Todas as manhãs, ele entrava no quarto onde os três filhos dormiam e, com uma voz trovejante, anunciava: "Agora, nada de levandade, nada de lassidão e nada de hilaridade. Quero 99,5% de eficiência. Já para cima!".

Quando escolhia sê-lo, Bhagwan era o homem mais charmoso do mundo, especialmente com médicos, advogados, enfermeiras anglo-indianas, Parsis e ocidentais — que eram as suas pessoas favoritas. Caso contrário, em casa, tinha um temperamento muito instável e súbito, e o pessoal doméstico era frequentemente o alvo principal.

Sofria de neuralgia enxaquecosa e, quando tinha um ataque destas cefaleias em salva, tornava-se totalmente irracional. Ficava fora de si, gritando e insultando qualquer pessoa que se cruzasse no seu caminho; as crianças sabiam bem que deviam manter-se fora do seu alcance.

A sua excentricidade extrema e a necessidade de fazer exatamente o que lhe aprazia eram evidentes em todas as suas ações. Apesar de se recusar a dar dinheiro a Nandini quando ela estava doente e precisava, em duas ocasiões ao longo dos anos, Bhagwan ofereceu-lhe relógios de luxo Vacheron Constantin. Uma vez, quando foi internado no Hospital Jaslok para uma pequena cirurgia,

chegou lá com 27 volumes de bagagem! Outra vez, depois de ter perdido a sua casa no número 42 da Ridge Road devido à complexa questão dos impostos sobre sucessões, e de viver em Baitul Yumn, na Peddar Road, acordou uma manhã, reuniu toda a prataria da casa e vendeu-a. Nesta casa, ele acorrentava e fechava tudo à chave. A cadeira estava acorrentada à mesa, que por sua vez estava acorrentada ao armário, e por aí fora. Cadeados enormes eram visíveis em tudo!

Em 1971, pouco antes de o Malabar Castle ser vendido, Bhagwan pediu subitamente o divórcio a Nandini, possivelmente a conselho dos seus advogados. Já estavam separados há perto de 20 anos. Nandini pediu à Devi para resolver a questão com ele. Na altura, ambos os seus filhos estavam fora, na América. Foi criado um pequeno fundo para Nandini. Ela receberia uma mesada básica dos juros, mas nunca poderia tocar no capital. Embora a Devi tenha pedido a Bhagwan que reservasse algum dinheiro para o caso de uma emergência médica, ele recusou fazê-lo. Nandini afirmou que tinha lutado como uma leoa pela custódia dos seus filhos pequenos 20 anos antes, mas que agora estava preparada para aceitar rapidamente qualquer quantia. No seu diário, escreveu: "Estou livre!".

A forma de Bhagwan mostrar o seu amor pelos filhos foi garantir que eles tivessem a melhor educação. Pagou para que ambos estudassem na Universidade da Califórnia, em Berkeley, onde obtiveram doutoramentos. Tinha um orgulho imenso neles e nas suas conquistas. Embora viesse de uma típica família de negócios guzerate onde os homens geriam empresas, não alimentava tais ilusões para o Kaka e o Ghanshyam, particularmente considerando que o seu próprio negócio estava agora extinto. Estava também profundamente ligado e era possessivo em relação à Devi, a quem se ofereceu para enviar para Cambridge para estudar quando ela anunciou que se queria casar aos 19 anos.

O segundo incidente que afetou grandemente a família em 1952 foi o facto de Nandini ter sido diagnosticada com um cancro galopante do útero. Tinha apenas 35 anos e não tinha dinheiro para o tratamento, mas foi-lhe dito que o cancro se estava a espalhar rapidamente. Com a ajuda da sua irmã Pupul e do seu irmão Kumi, pediu dinheiro emprestado e foi para Londres para ser tratada por um cirurgião famoso. No dia seguinte à operação, o cirurgião sofreu um AVC fulminante. O diário de Nandini menciona algo do que ocorreu durante a viagem a Londres para o tratamento:

Lembro-me de um dia sombrio e escuro em Londres. Estava sozinha, o meu irmão e a minha irmã tinham saído. De repente, comecei a sangrar — grandes coágulos de sangue e tecido — como se algo dentro de mim se tivesse soltado. Lembro-me de me agarrar à mesa, encharcada numa poça de sangue. A minha mente disse: "Oh Deus, estou sozinha!". E depois, quase assim que disse essas

palavras, no ouvido da minha mente, uma voz disse claramente: "Não estás sozinha, Nandini".

Ouvi isto de forma tão clara, tão precisa e concreta como a mesa à qual me agarrava — como algo inegável, tanto um facto, uma realidade. Senti um fardo a cair. Arrastei-me lentamente de volta para a cama e deitei-me. Não houve agitação, nem pensamentos temerosos, nem lágrimas e, em breve, nenhuns pensamentos sequer. Fiquei ali deitada. Depois tentei ligar a um amigo e localizar a minha família, que regressou rapidamente. Durante toda a minha provação houve este sentimento de paz ao meu redor. Não foi como se me tivesse resignado ou rendido. Foi uma quietude que experienciei, que me manteve dentro de um círculo encantado, o círculo de Krishnaji.

Quando recuperei da anestesia, soube que não tinha estado sozinha mesmo naquele estado de inconsciência. Já tinha estado sob anestesia antes e sei como se sente um súbito desfalecimento e o apagar de toda a consciência que costuma ocorrer. Mas durante esta operação não estive sozinha. Sabia onde tinha estado mesmo naquele estado de inconsciência; aquele estado de encantamento estava comigo.

Após a operação, estando gravemente doente, com o corpo em tremenda dor, bastava-me virar a cabeça na almofada para a esquerda ou para a direita e ele estava lá. A minha mente repousava em poças de quietude e parecia fluir incessantemente. Que magia presenciei... como certas coisas são inexplicáveis.

Noutro diário, Nandini explica que, quando o seu processo judicial estava em curso, Krishnamurti segurou a sua mão. Quando ela teve cancro, contudo, não recebeu uma única carta de simpatia. O seu diário diz:

Foi como se eu não existisse. Fui abandonada e, no entanto, sabia que ele estava lá. Ouvi-o dizer-me de dentro do núcleo mais profundo do meu ser, da profundidade oculta do meu ser: "Nandini, não estás sozinha". Quando ele regressou à Índia, um ano depois da minha operação, encontrei-me com ele e esperava a habitual preocupação e perguntas sobre como eu estava, o que tinha acontecido, quão feliz ele estava por tudo ter corrido bem.

Mas isso não aconteceu. Entrei na casa do Ratansibhai sentindo-me um pouco em baixo e com pena de mim própria. E ali estava ele, como uma flor em toda a sua beleza impecável, o seu rosto calmo como uma explosão de sol, o seu riso, alegre e radiante. Nesse dia... aprendi a superar a autocomiseração. "Eu" não importo. A alegria avassaladora, a abundância, o bem, é tudo o que importa. Sou um mero grão, um ponto, no quadro vivo e em movimento da vida.

Um ano após a cirurgia de cancro de Nandini, ela adoeceu novamente, com tensão arterial muito alta e inchaço. Houve pânico na família — teria o temido cancro alastrado? Foi operada em Bombaim e, quando os cirurgiões a abriram, descobriram que o seu rim tinha falhado porque uma artéria tinha sido

erroneamente suturada durante a cirurgia anterior em Londres. Considerando que o cirurgião sofrera um AVC no dia seguinte à cirurgia, é de perguntar se algo teria corrido mal durante a própria operação. De que outra forma poderia ele ter suturado acidentalmente o canal dela? Desta vez, um dos rins de Nandini teve de ser removido e ela passou por uma grande dor; o seu corpo estava fraco e traumatizado.

Através de todos os seus problemas, a família de Nandini ajudou e cuidou dela. Pupul estava sempre ao lado de Nandini quando ela precisava. Havia um afeto natural entre as duas irmãs, embora fossem de temperamentos tão diferentes. Em crianças, Pupul era a intelectual da família e Nandini a beleza. O seu laço floresceu numa verdadeira amizade após conhecerem Krishnamurti. A partir de Janeiro de 1948, tentaram assistir a cada palestra e discussão que ele realizava na Índia, e passavam horas a explorar os seus ensinamentos.

Pupul dizia que considerava a compreensão de Nandini sobre Krishnamurti mais profunda do que a sua própria. Como mulheres adultas, recordando os seus idílicos dias de infância, perguntavam-se frequentemente como é que o seu sensível pai, empregado pelo serviço civil imperial, um homem de lei e ordem, poderia não ter sentido um conflito na sua mente e coração sobre o seu papel no Império Britânico. Afinal, a luta pela liberdade estava em pleno vigor no país. Esta questão nunca foi expressa ou discutida na casa da sua infância. Poderia este conflito interno ter levado à sua morte prematura aos 56 anos, perguntavam-se elas frequentemente.

Em todos os aspetos, a família de Nandini emanava uma força e apoio tremendos. Quando a sua avó Kiki soube que o casamento de Nandini se tinha desmoronado, não fez moralismos nem a instou a adaptar-se, sofrer ou suportar a agonia de viver com Bhagwan. Em vez disso, disse firmemente: "*Fateh*", que em guzerate significa "Vitória". Nandini fazia claramente parte de uma família de mulheres fortes e resilientes que enfrentavam de frente as contrariedades que a vida lhes trazia.

"Se alguém se aproxima de Krishnaji ou dos seus ensinamentos com um dedal, sai com um dedal cheio. Mas se vieres com o coração e a mente abertos, as possibilidades são infinitas." — De uma carta de Nandini para Devi escrita nos anos 70.



Nandini (ao centro) junto a Pupul Jayakar (à direita)

CAPÍTULO 8

BAL ANAND: A PEQUENA ESCOLA

NUM DIA CHUVOSO DE JULHO DE 1954, Bhima, a empregada doméstica que trabalhava na casa onde Nandini vivia com a sua mãe e família alargada, trouxe duas raparigas novas. Tinha-as descoberto paradas, desoladas, sob a chuva torrencial, junto a um esgoto a transbordar. A mãe delas acabara de morrer e o pai jazia num passeio ali perto, num torpor de embriaguez. As raparigas, Matu e Bhaja, de dois e quatro anos, estavam a tremer, perplexas e assustadas. Nandini acolheu-as. Secou-lhes o cabelo, segurou-as perto de si, acalmou os seus corpos trémulos e deu-lhes alguns biscoitos para comerem.

No dia seguinte, elas reapareceram e ficaram paradas, indefesas, junto ao portão. Nandini reparou nelas e deu-lhes um lanche e, desta vez, também um pedaço de papel e um giz de cera. As três sentaram-se juntas à sombra de uma mangueira e conversaram e coloriram.

Assim começou a jornada de Nandini de ajuda aos pobres e desfavorecidos. Foi este primeiro passo espontâneo que levou à criação da Bal Anand, o seu centro para crianças carenciadas, maioritariamente as que estavam matriculadas na escola municipal local. Era um local de encontro e uma pequena escola, construída não sobre a virtude de promover a excelência académica ou o conhecimento dos livros, mas sobre a humanidade. Embora as crianças tivessem explicações de disciplinas académicas, incluindo inglês e matemática, os principais pilares da Bal Anand eram o cuidar, a empatia, a compaixão, a criatividade e o fornecimento de alguma nutrição essencial às crianças.

Nandini nunca se considerou uma intelectual ou uma educadora iluminada. Fora educada principalmente em escolas de convento nas Províncias Unidas e por uma governanta irlandesa. Mais tarde, frequentou dois anos de faculdade em Srinagar. Embora quisesse envolver-se em algum trabalho de caridade há muito tempo, nunca planeou ou pretendia realmente fundar uma escola. No entanto, conhecer as duas raparigas moveu-a a fazer algo mais permanente e concreto. O conselho de Krishnamurti estava sempre perto do seu coração, e ela partilhou as suas palavras em cartas à Devi:

"As riquezas do coração são indestrutíveis. São as únicas coisas que permanecem connosco através da alegria e da dor. Sem amor, todo o esforço é em vão, todo o viver é morte. Sem esse perfume, a vida é um deserto árido. Por isso, temos de amar, de dar de nós próprios, rir e trabalhar, e ajudar os outros, e observar o 'eu' dentro de nós a viver. Poucos conseguem mostrar preocupação pelos outros. A preocupação tem uma grande qualidade, uma qualidade vital, dinâmica, de quietude e ausência do 'eu'. Pode haver também uma qualidade frenética na preocupação, como o desassossego ou a ansiedade. Mas sentir apenas pelo outro sem qualquer ansiedade ou desassossego é a verdadeira preocupação."

À medida que a notícia sobre o centro Bal Anand se espalhava entre os desfavorecidos da vizinhança, dois alunos depressa passaram a quatro, a 20 e chegaram aos 125. Mais e mais jovens vinham ao pequeno centro durante algumas horas todos os dias. Todas as manhãs, Nandini sentava-se sob os ramos abertos da mangueira e saudava os seus alunos.

A filosofia da Bal Anand estava enraizada na forma como Nandini compreendia e vivia os ensinamentos de Krishnamurti. A Bal Anand tornou-se a expressão significativa do que Nandini queria fazer com a sua vida. Krishnamurti tinha-lhe escrito frequentemente que era muito importante ter alguma "atividade". Ele dizia: faz algo "que seja uma expressão de ti própria, não uma atividade que preencha o teu tempo, que seja apenas uma fuga, mas uma ação que seja a própria expressão do teu ser".

O conselho de Krishnamurti guiava as suas ações. Ela por vezes copiava um parágrafo importante das cartas dele quando escrevia à Devi:

"Deves sentir muito intensamente tudo o que fazes. Se sentires muito intensamente, então as pequenas coisas não preencherão a tua vida. Se sentires intensamente o amor, não carreiras ou empregos, se sentires vitalmente, viverás num estado de profundo silêncio. A tua mente será muito clara, simples e forte. Alguém pode sentir-se magoado ou ser autocentrado, pode pensar e sentir apenas para si próprio, mas sentir afeto, ternura, cuidado por outro, cuidar de uma planta, cuidar de um cão ou de outro ser humano, é ter um sentimento que não destrói. Olhar para fora, para a beleza, sentir simpatia pela pobreza e pelo

sofrimento, ter afeto e bondade, isso é importante. É preciso encontrar a diferença entre as duas coisas — entre sentir por si próprio e pelos outros. Se alguém se sente magoado e se retrai, há um endurecimento da mente e do coração. Se o teu coração estiver cheio, tens tudo, és tudo. Olha para ti própria com alegria, como um todo, e não apenas para os momentos tristes que preenchem a tua mente."

A Bal Anand tornou-se depressa um centro importante na vida dos desfavorecidos que viviam ou trabalhavam na zona da Nepean Sea Road. Não havia professores altamente pagos, nem qualquer currículo especial. Vinham voluntários que ensinavam aos alunos desenho, pintura, tecelagem, artesanato e costura. Como as tintas eram caras, misturavam cor em pó ou usavam *geru* para pintar nas paredes exteriores caiadas da casa da Motima.

Fiel ao seu nome, a Bal Anand era um lugar de grande alegria. As manhãs começavam com conversas com as crianças reunidas, ouvindo os seus medos, compreendendo pormenores das suas vidas diárias, os seus pensamentos e aspirações. Juntos, todos ouviam o canto dos pássaros, os sons da natureza muitas vezes esquecidos na cidade. Nandini chamava a atenção dos alunos para o som do seu próprio bater do coração, os sons nas suas mentes. As crianças recebiam um lanche nutritivo todos os dias, uma vez que a alimentação saudável era muitas vezes um desafio para as suas famílias; tâmaras, bananas, pão com manteiga eram alguns dos itens que comiam na Bal Anand. Nandini passava tempo de qualidade com elas a cantar, a pintar, a modelar barro ou apenas a permitir que corressem livremente no pátio.

Neste espaço, as mentes jovens eram livres para expressar os seus sentimentos e emoções. Sentiam-se cuidadas e experienciavam afeto. Não havia absolutamente nenhuma instrução religiosa, mas Nandini encorajava-as a meditar, a sentarem-se calmamente e a mergulharem nas suas próprias mentes e pensamentos. Nandini guiava-as, dizendo: "Em vez de dizerem que amam a vossa mãe, pensem em como expressariam este amor que sentem por ela".

A filosofia da Bal Anand era cultivar a sensibilidade e a inteligência emocional nos jovens alunos. Nandini achava importante desenvolver a empatia. "Ajudem um homem cego, um animal ferido", encorajava ela. Aos professores, enfatizava que os adultos devem desenvolver uma empatia profunda e a capacidade de ouvir os jovens. "Não deem apenas lições", dizia ela. "Não limitem a encher a criança de factos. Ensinem-lhes a arte de aprender."

A casa onde Nandini e a sua mãe viviam fora construída sobre um plinto alto. O centro de Nandini cresceu sob a mangueira, mesmo por baixo da janela do seu quarto. Sob a sua sombra, ela sentava-se e pintava com as crianças, mas não sem antes se focar em falar com elas. Ela sabia o nome de cada aluno, o que se passava nas suas vidas, e lembrava-se e estava atenta aos seus medos ou

preocupações especiais. "Como correu o teu dia?" "A tua mãe já veio do hospital para casa?" "Deves ter ficado com medo!" "Tens medo do escuro?"

Só após esta troca, esta partilha e escuta profundamente empática, é que passavam para outras atividades. Nandini queria que as crianças se sentissem amadas e soubessem que alguém se importava. Queria que fossem conscientes do seu mundo interior e despertassem os seus sentidos para o mundo exterior. Queria que se divertissem, que rissem e subissem às árvores, que colhessem mangas verdes, mas também que estivessem quietas, que entoassem cânticos, que observassem os seus pensamentos como que do lado de fora. Acima de tudo, a Bal Anand era um lugar onde as crianças brincavam, corriam, cantavam e onde havia sempre alguém que lhes dava resposta. Não havia edifício, estruturas sólidas ou pessoal formal. A Bal Anand funcionava com o poder do amor e a força da compaixão de Nandini.

O apoio vinha daqueles que viam o bom trabalho que ela estava a fazer. De facto, a Bal Anand depressa se tornou uma responsabilidade familiar, com muitos amigos a contribuírem também. Vasumati, a mulher de Kumi e cunhada de Nandini, cuidava das finanças do centro, parcas como eram. Motima cuidava do lanche diário que era dado às crianças.

As suas irmãs Moon e Amru passavam por lá e conversavam com as crianças. A famosa escultora Pilloo Pochkhanawala ensinava-lhes por vezes escultura; a atriz Leela Naidu contava-lhes histórias, enquanto as amigas Siloo Billimoria e o Dr. Padte ensinavam inglês. Por vezes, teciam espanadores num tear ou bordavam sacos de juta, que vendiam para angariar fundos para manter o local. Benfeitores doavam ocasionalmente fundos, que cobriam as despesas da escola.

Em 1968, o proprietário da casa alugada onde Nandini e a sua mãe viviam decidiu vendê-la à municipalidade. Nandini correu mundo para ver como poderia realocar a Bal Anand, uma vez que os seus jovens alunos dependiam dela. A certa altura, Charles Correa ofereceu-se para projetar um centro noutra terreno noutra local, mas Nandini não queria perder as crianças locais que tinha cuidado. Para onde iriam elas? Quando Nandini levou este problema à atenção de Krishnamurti, ele limitou-se a dizer: "Não se preocupe, algo surgirá".

E surgiu, pouco tempo depois. No edifício Akash Deep, no recinto vizinho, duas garagens foram postas à venda, e Nandini decidiu que seria ali que geriria o seu centro. Leela Naidu contribuiu significativamente ajudando a angariar as 37.000 rupias necessárias para comprar as garagens. As pessoas mofavam da ideia de um centro numa garagem, mas Nandini tinha a certeza absoluta de que seria perfeito para o seu propósito.

A velha casa onde Nandini vivia foi demolida pouco depois e, embora a municipalidade tenha afirmado em 1968 que construiria ali em breve uma escola

para 3.000 alunos, até hoje, 50 anos depois, tal não aconteceu. A certa altura, abriu uma pequena *vyayamshala* (ginásio), embora o resto do terreno continue vago, tendo-se tornado uma espécie de *maidan* público. Nandini mudou-se para o apartamento da Devi em Land's End, mesmo do outro lado da rua da Bal Anand.

Embora grande parte da atividade da Bal Anand tenha passado para as novas instalações na garagem, Nandini continuou a usar o recinto aberto da antiga casa, sentando-se frequentemente com os seus alunos debaixo de uma árvore. Ela adorava a natureza e o ar livre e, tanto quanto podia, passava o seu tempo com as crianças no exterior. Considerava que era uma parte essencial para cultivar nelas o amor e o respeito pela natureza. Era ao ar livre que lhes falava sobre a criação de um sentido de quietude e calma interna, mantendo ao mesmo tempo a expressividade e a alegria externas.

A arte era central na atividade que Nandini fomentava. As pinturas das crianças estavam sempre expostas nas paredes da Bal Anand. Retratavam tal sensibilidade que atraíram a atenção de um membro da Fundação Rockefeller. Esta providenciou então uma bolsa de dois meses para Nandini expor as pinturas em Nova Iorque.

A Bal Anand ainda funciona nas garagens da Dongersi Road. Kashi Bane, de 65 anos, é professora na Bal Anand, mas veio para aqui pela primeira vez em 1960, quando tinha apenas sete anos. O seu pai trabalhava como ajudante doméstico na vizinhança. Ela recorda os seus primeiros dias na Bal Anand e diz, em marata, que a forma como Nandini ensinava era muito diferente da escola regular que frequentava. Nunca ensinava através de palestras.

Por exemplo, "Quando os rapazes atiravam pedras aos pássaros ou tentavam apanhar borboletas, a Nandinibai não gritava nem ficava zangada. Ela falava calmamente com todos nós sobre a violência e o que ela faz". Nanda, outra professora na Bal Anand, disse: "A Nandinibai costumava perguntar pelas nossas famílias e isso tocou-me muito, pois ninguém se tinha dado ao trabalho de perguntar pela minha vida quotidiana ou pelos meus medos antes".

A Bal Anand mudou o rumo de inúmeras vidas. "A Nandinibai ajudou-nos a sustentarmo-nos pelos nossos próprios meios e a tornarmo-nos economicamente independentes. Ela ajudou as nossas famílias", disse Nanda. Kashi recorda o pai a dizer: "A tua mãe deu-te à luz, mas a Nandinibai segurou-te a mão, deu-te coragem, ajudou-te a encontrar um rumo na vida, fez de ti o que és hoje".

Ao longo da volumosa correspondência entre Nandini e Krishnamurti, ele perguntava-lhe sempre pela Bal Anand, chamando-lhe a "pequena escola". Ele sabia o quão importante ela era para ela. Krishnamurti e Nandini discutiram frequentemente a educação e o seu significado e propósito em várias cartas trocadas na década de 1960. Nandini comunicou algumas destas conversas em

cartas à sua filha. Krishnamurti tinha-lhe dito que conseguia ver que, quando ela começou a escola, tinha um verdadeiro amor e sentimento pelas crianças, e que não tinha teorias para promover nem uma agenda pessoal. Também não estava a fugir de nada. Ele apreciava o facto de ela as "tratar como crianças, e não como filhos de motoristas ou de cozinheiros".

Krishnamurti encorajou-a a ler para elas e a conversar com elas, e a refletir sobre o facto de o objetivo da educação ser "cultivar a autoconsciência e o destemor". Assegurou-lhe que, se ela continuasse a dar-se às crianças, isso teria "um efeito extraordinário". De facto, a Bal Anand fez muito bem e marcou a diferença em muitas vidas jovens ao longo dos anos. Foi uma parte querida da rotina diária de Nandini e uma parte muito significativa da sua existência até ao fim da sua vida.

CAPÍTULO 9

ENCONTRA UM PEDAÇO DE VERDE

SEMPRE QUE OS FILHOS DE NANDINI SE ENCONTRAVAM como adultos, recordavam com nostalgia os anos maravilhosos da década de 1950, quando passavam as férias anuais com a mãe e a avó. O Verão era a altura mais excitante para eles, porque era quando tinham seis semanas de tempo ininterrupto juntos. Nandini e Iravati levavam-nos de férias para estâncias de montanha como Nainital, Shimla ou Kodaikanal. Era um período de grande felicidade e alegria, durante o qual a única zanga dos três irmãos era sobre quem conseguiria dormir ao lado da mãe em cada noite.

Todos os três estimavam grandemente as memórias maravilhosas que tinham destas férias. Riam-se de como o Kaka, com inocência infantil, descreveu uma vez os seus sentimentos antes e depois de uma viagem. Quando era um rapaz pequeno, dissera: "Quando partimos para as nossas férias éramos *vir pharr* e quando voltámos éramos *vir phoos*" (significando que, como balões, quando partiam para as férias estavam insuflados de felicidade e, quando estavam de regresso, todos se sentiam esvaziados).

Durante a década de 1950, a amizade de Nandini e Krishnamurti tinha crescido e eles trocavam cartas regularmente. Não apenas Nandini, mas a maior parte da família de Nandini tornou-se ligada e dedicada a Krishnamurti e aos seus ensinamentos. Quando Krishnamurti falava em Bombaim, todos vinham ouvi-lo. Embora alguns admitissem que não compreendiam bem os discursos, nenhum membro da família queria perder as suas palestras. Estar apenas na sua presença era importante; a sua aura era profundamente calmante.

Sempre que Krishnamurti estava em Bombaim, Iravati organizava jantares de família com ele. Fazia um enorme esforço para cozinhar muita comida e

prestar uma hospitalidade impecável; para ela, era um ato de devoção. A irmã mais velha de Nandini, Moon, e os seus filhos Asit e Shyama também estavam presentes. Em redor de uma mesa farta de comida deliciosa, o riso e a conversa fluíam. Não se discutiam abstrações ou espiritualidade profunda. A conversa incluía as crianças e versava frequentemente sobre coisas mundanas: livros lidos, locais visitados, as últimas coscuvilhices, os thrillers mais recentes, os filmes mais novos, e assim por diante.

Era uma atmosfera aberta em que todos falavam sem medo. Num destes jantares, Krishnamurti relatou um incidente em que o Maharishi Mahesh Yogi estava a viajar para o estrangeiro. Disse que o Maharishi estava sentado de pernas cruzadas no assento do avião e tinha começado a levitar. Ao ouvir isto, o Kaka desatou a rir. Krishnamurti olhou para ele e disse calmamente: "Há mais coisas no céu e na terra do que as que sonha a tua filosofia, Horácio".

O Kaka era frequentemente cético, sem papas na língua, em relação a incidentes ou experiências que estivessem fora do domínio da explicação científica. No entanto, estava profundamente interessado em estar com Krishnamurti e nunca perdia uma única palestra quando ele estava na cidade. O Kaka tinha um grande sentido de humor e costumava provocar a mãe ou mofar da sua devoção a Krishnamurti. "O Senhor está na cidade", dizia ele com pompa, quando Krishnamurti chegava a Bombaim.

O Ghanshyam também nunca perdia as palestras de Krishnamurti e tinha a mais profunda reverência por ele. A Devi aprendeu os aspetos práticos de viver à maneira de Krishnamurti através do exemplo da sua mãe. Esta devoção a Krishnamurti abrangeu quatro gerações. O filho de Moon, Asit Chandmal, era dedicado a Krishnamurti e mais tarde publicou dois livros de fotografia sobre ele. A filha da Devi, Aditi Mangaldas, é uma bailarina de *kathak*. Ainda hoje, os folhetos e brochuras que anunciam os temas e o conteúdo das suas atuações incluem frequentemente citações de Krishnamurti.

Desde 2006 que ela mantém uma relação com Armin Sprotte, que foi educado em Brockwood Park, a escola de Krishnamurti em Inglaterra, uma vez que os seus pais estavam profundamente interessados nos ensinamentos de Krishnamurti. A filha da Pupul, Radhika Jayakar Herzberger, juntou-se ao Centro de Educação Rishi Valley de Krishnamurti como professora em 1982, e passou a ser a sua Diretora, cargo que ainda ocupa. O seu marido, o Dr. Hans Herzberger, está também profundamente envolvido com a escola em Rishi Valley. Além disso, várias crianças da família estudaram em Rishi Valley.

Quando Krishnamurti estava em Bombaim, caminhava frequentemente nos Hanging Gardens em Malabar Hill, onde diferentes pessoas se juntavam a ele. Nandini acompanhava-o frequentemente nestas caminhadas. Krishnamurti, Pupul

e Nandini também faziam longas caminhadas no Worli Seaface. Anos mais tarde, Nandini recordaria estas caminhadas com afeto. No seu diário escreveu:

Lembro-me daquelas caminhadas ao fim da tarde ao longo do passeio à beira-mar com o Krishnaji. A Pupul e eu caminhávamos a passo largo ao lado dele. O Krishnaji falava de muitas coisas. Olhem para o mar, veem as ondas a rebentar contra as rochas? Olhem para o horizonte a escurecer, esta casa, aquela árvore. A cada momento a sua atenção era atraída para algo. Como disse uma vez um amigo, "nada conseguia escapar à magia do seu olhar".

A correspondência entre Krishnamurti e Nandini durou 38 anos. As cartas de Krishnamurti para Nandini eram sempre escritas à mão, geralmente em papel azul-claro de pele de cebola. Mais tarde, quando passou a usar máquina de escrever, continuou a escrever-lhe cartas à mão. As cartas começavam frequentemente com uma saudação, uma pergunta sobre a saúde e o estado mental, e uma breve atualização sobre o que ele estava a fazer. Isto era seguido por palavras de orientação, uma mensagem ou discurso, antes de terminar com "*Sia bene, sia benedetta*". Sê boa, sê abençoada.

Krishnamurti escrevia a Nandini como se escreve a uma amiga querida e confidente. Falava também do mundano: os seus problemas de saúde, as suas dificuldades e problemas. Mencionava as pessoas que tinha conhecido e as palestras que tinha dado. Dizia-lhe que ela estava na sua consciência e que estava profundamente preocupado com a saúde dela, com a sua família. Perguntava como ia a sua "pequena escola" e como Nandini passava o seu dia. Se ela não respondesse depressa, ele repreendia-a. Mesmo em anos posteriores, havia interesse em todas as pequenas coisas das vidas dos seus filhos, netos e família alargada. Ela escrevia-lhe sobre a sua vida quotidiana, pormenores da sua família, os problemas que encontrava, as preocupações que tinha. Partilhavam um com o outro os seus pensamentos e contemplações.

Nandini ouvia Krishnamurti atentamente. Refletia sobre os princípios e filosofias e usava-os na sua vida quotidiana de uma forma prática. Dizia que Krishnamurti lhe tinha ensinado que a vida é estranha e incerta e que, a menos que se esteja extremamente desperto e inteligente, ou consciente, ela pode quebrar-nos. Lembrava-se de que ele lhe tinha pedido para se manter desperta, como uma chama que está sempre a arder, sem fumo (ou seja, sem segundas intenções). A todos os seus filhos ela escrevia sobre a chama, o perfume, a construção de um sentido de autoconsciência. "Quando ele está lá, todos os problemas se dissolvem no nada e, sem ele, o coração, a mente e o corpo são um deserto árido e ressequido", dizia ela.

Quando Nandini escrevia a Krishnamurti sobre uma doença na família ou algum medo que tivesse, ele escrevia frequentemente de volta dizendo-lhe para

não se preocupar. O seu conselho e consolação eram muitas vezes apenas algumas frases incisivas, referindo-se a si próprio usando o plural "nós":

"Enfrenta o medo/problema. Não entres em pânico. Nós estaremos lá contigo. Nós cuidaremos das coisas."

As cartas de Krishnamurti ofereciam pepitas de conselhos sobre como viver uma vida feliz e saudável. E Nandini copiava frequentemente secções significativas para o seu diário. Por exemplo, ele escreveu:

"Cuida de ti com sabedoria e não deixes que o medo obscureça a tua saúde. Sê sábia e decidida em relação à tua saúde. Não deixes que a emoção e o sentimento interfiram com a tua saúde, nem que a autocomiseração diminua as tuas ações. Há demasiadas influências e pressões que moldam constantemente a mente e o coração; sê consciente delas e corta através delas. Não sejas escrava delas. Ser escravo é ser medíocre. Mantém-te desperta, em chamas."

"Sabes que deves passar algum tempo sozinha, não para descansar ou dormir, mas para fazer um balanço, para não seres assoberbada pela família e pelas circunstâncias, para esvaziars a mente de todos os seus conteúdos, memórias, prazeres, etc., para começares de novo e estares completamente quieta e vazia. Faz isto, minha querida, faz e não te limites a pensar em fazê-lo. Faz com a mesma naturalidade e simplicidade com que lavas os dentes e tomas banho."

Krishnamurti usava a palavra "consciência" (*awareness*) para falar de alerta mental para o mundo externo, uma mente livre de desejo e cheia de amor, o que os budistas chamam de "atenção plena" (*mindfulness*), "observação interior". Começa pelo externo e depois move-te lentamente para examinar o interno, dizia ele. Aborda um problema de ambos os lados, externamente e depois internamente também. A mente agitada não consegue observar. É preciso primeiro aquietar o corpo. Depois, começar a observar a mente e as próprias ações — sem julgamento, aconselhava ele.

À medida que os anos passavam, os filhos de Nandini afastaram-se. A Devi casou com Harshavadan Mangaldas em 1959 e mudou-se para Ahmedabad. Nandini visitava a família em Ahmedabad frequentemente e tinha uma relação profunda e próxima com o marido da Devi e os dois filhos, Aditi e Aditya. O Ghanshyam foi para os EUA estudar na Universidade da Califórnia, em Berkeley, em 1963. Regressou à Índia em 1971, casou com Meena Munim um ano depois e mudou-se para Brisbane, onde deu aulas na Universidade de Queensland. O diário de Nandini menciona a sua grande alegria sempre que falava com o seu gentil Ghanshyam e a sua filha Maithili ao telefone da Austrália, ou quando a família visitava a Índia uma vez por ano. O Kaka também estudou em Berkeley de 1968 a 1977. Tornou-se depois professor de matemática na Universidade de Bombaim e no Instituto Tata de Investigação Fundamental e,

em 1997, casou com Indra Munshi. A 4 de Junho de 2014, aniversário de nascimento de Nandini, ele sucumbiu ao cancro.

Krishnamurti nutria um grande afeto não só por Nandini, mas também pela sua família. Quando Krishnamurti esteve na Califórnia na década de 1960, fez questão de se encontrar com os filhos de Nandini, Ghanshyam e Kaka. Escreveu uma carta detalhada a Nandini sobre as conversas que tiveram e as suas observações sobre os rapazes dela. Em 1967, Nandini e Devi foram a Gstaad, a convite de Krishnamurti, para assistir às suas palestras em Saanen. Novamente, em 1971, convidou-as, e também aos filhos da Devi, desta vez para Brockwood Park, onde assistiram aos seus discursos durante quatro dias.

Iravati (Motima) adorava Krishnamurti. Tinha chorado a morte prematura do marido durante nove anos mas, depois de conhecer Krishnamurti, sentiu que uma grande parte do seu fardo se tinha levantado. Foi uma anfitriã graciosa mesmo nos seus anos de sénior. Quando Krishnamurti ficava alojado com a sua filha Pupul no edifício Himmat Niwas, no início da década de 1970, ela supervisionava pessoal e amorosamente a preparação de iguarias Nagar.

Em Abril de 1976, Moon morreu subitamente em casa, no apartamento que partilhava com Motima. Motima ficou chocada e totalmente devastada. Nessa noite, Nandini levou a mãe para sua casa, onde ela chorou em profunda dor. Nenhuma palavra conseguia consolá-la. Nandini apertou a mãe contra o seu coração e chorou com ela. Após a morte da filha, Motima era uma mulher destroçada. Pouco depois, sofreu um pequeno AVC e ficou acamada. Em Janeiro de 1977, quando Krishnamurti estava em Bombaim, fez questão de a visitar. Ela estava fraca e frágil, mas encantada por vê-lo. Durante mais de uma hora, Krishnamurti, que lhe chamava sempre "Amma", segurou-lhe a mão e conversou com ela. Motima faleceu alguns meses mais tarde.

Sempre que ele estava em Bombaim, Nandini nunca deixava de se encontrar com Krishnamurti ou de ir às suas palestras. Em algumas ocasiões, ela e a Pupul acompanharam-no a Rishi Valley, Ooty, Deli, Sri Lanka e outras partes do país onde ele dava ciclos de palestras. Para Nandini, cada momento com Krishnamurti era uma oportunidade para aprender algo novo, para compreender melhor a vida e o mundo.

Um dia, Nandini estava a visitar Krishnamurti na casa de Pupul em Himmat Niwas, em Bombaim. Ele chamou-a à janela e apontou para uma árvore lá fora, um clarão de verde na selva de betão. Disse-lhe: "Todos os dias que aqui estive olhei para aquela árvore verde. Para mim, ela foi todas as florestas do mundo, e aquela única flor amarela, todas as flores da Terra, embora a árvore esteja cheia de pó e no meio da imundície". Nandini relatou esta conversa à Devi numa carta, acrescentando:

Quando olhei para aquela árvore, de facto era de um verde incrível, um verde que eu nunca tinha notado antes. Aquela única observação do Krishnaji encerrava em si toda a sabedoria que se pudesse imaginar; toda a beleza e dignidade da vida, e a graça e o encanto de viver. "A vida é para ser desfrutada", disse-me o Krishnaji, "Sê feliz". Por isso digo a mim própria, a ti, e a todos os que me ouvirem, para encontrarem esse pedaço de verde, esse oásis na vossa vida.

O pedaço ou ponto verde tem de estar dentro de ti, independente de todos os eventos exteriores. Uma fonte de força, uma faísca. Não pode, pela sua natureza, estar alojado noutro, por muito amor que tenhamos. É a lâmpada que ilumina o nosso caminho, que ninguém nos pode tirar. Nesta vida incerta, temos de encontrar essa força interior. Chama-lhe fé, ou chama-lhe segurar a mão de Deus e nunca a largar.

As cartas e as palavras de Nandini são o seu legado. Ela dizia frequentemente que não tinha bens materiais ou presentes para dar aos seus filhos, mas que queria partilhar com eles os princípios e dogmas pelos quais regia a sua vida. De 1959 até a Devi regressar a Bombaim em 1983, após a rutura do seu casamento, mãe e filha trocaram cartas pelo menos duas vezes por semana. Nandini escrevia regularmente ao Kaka e ao Ghanshyam também. Queria partilhar com eles os benefícios do que tinha aprendido com Krishnamurti. À Devi dizia: "o que te escrevo é primeiro a minha meditação". Uma carta afirma:

Creio que é dever de cada progenitor zelar, tanto quanto possível, para que os seus filhos cresçam em amor e compreensão, em cuidado. Que sejam capazes de lidar com a vida, tenham uma mente clara, e tudo isto só pode acontecer se não tiverem medo. As crianças têm de aprender a ser ponderadas, a observar, e a duvidar e investigar, a saber quando agir e quando não agir, a conhecerem-se a si próprias. Render-se verbalmente (para apaziguar ou bajular alguém) ou ser agressivo é a mesma coisa — destrói.

Vi ambas em ação. Paz a qualquer preço, bajular alguém, agradar-lhe para que a pessoa esteja de bom humor — esta política é um desastre. Haverá intimidação e chantagem externa e subtilmente. Pisar o outro, ou ser pisado. Podes ser usada como um capacho. Eu também era do tipo que cedia. O meu instinto era ser assim, mas temos de observar com o maior cuidado quais são as nossas inclinações, elas são muito suspeitas. Observa-as, mantém-te desperta, sabe o que estás a fazer.

Nandini adorava ler. Lia os *Yoga Sutras* de Patanjali, lia filosofia chinesa, livros sobre o Budismo, as *Upanishads*. Alguns dos seus autores favoritos, contudo, eram D. H. Lawrence, Gerald Durrell, Anaïs Nin, P. B. Shelley e vários poetas japoneses. Sempre que era tocada por algumas palavras de sabedoria, ou

por passagens belas num livro, copiava-as e partilhava-as com a Devi. Nandini adorava esta passagem e citou-a de *The Diary of Anaïs Nin*:

"Quando a ansiedade se instala como uma febre, ondas frias e quentes, calafrios, mantém-te calma. Reconhece-a pelo que é: ansiedade. Não a justifiques culpando qualquer incidente ou experiência particular, pois então ela torna-se ampliada. Quando a depressão te sufoca como um nevoeiro de Londres, pensa que a causa não é tão grande quanto possas pensar. Uma pequena derrota, uma pequena frustração, uma pequena discórdia podem desencadeá-la. Deves ver a transitoriedade dos estados de espírito. Cuidado com as reações exageradas à aspereza, à brutalidade, à ignorância, ao egoísmo. Cuidado para não permitires que uma palavra indelicada, uma contestação, uma rejeição, apaguem todo o céu."

Diferentes pais dão diferentes tipos de conselhos aos seus filhos. O conselho de Nandini nunca era sobre o sucesso material. Em vez disso, era sobre o refinamento das qualidades pessoais e internas. "Não exijas constantemente coisas da vida", escrevia ela. "Deixa as coisas estarem e acontecerem. Aceita muito pouco, contenta-te com menos, não desenvolves uma mente gananciosa, desfruta de olhar para a vida com espanto e deleite." Sobre o assunto do amor, escreveu uma vez à Devi:

Deva, partilha a tua riqueza e capacidade de amar com os outros, dá-a a todos os que fazem parte do teu mundo. Partilha o teu calor, os teus extravasamentos de sentimentos, e então nunca envelhecerás, embora os anos possam vir como inevitavelmente devem vir. Mas a fonte do teu ser interior será reabastecida e renovada pelo próprio ato de dar. Pela sua natureza, o amor flui para fora, como um rio, veloz e dador de vida, como uma árvore que abriga e cria. O amor não pode repousar em poças estagnadas, tem de fluir. Mas mantém-se dentro das suas margens, ordenadamente, mantendo a sua própria vitalidade e beleza. O mundo é tão pobre, recusa-se a compreender isto. Ou fica perplexo e enfurece-se com uma pessoa que não é aquisitiva.

Quando o considerava relevante, Nandini incluía frequentemente pequenas citações das comunicações de Krishnamurti para ela.

"Receio que haverá sempre problemas. Mas resolve os problemas tão rapidamente quanto eles surjam e não os arrastes para o dia seguinte. Sê muito alerta e consciente de cada pensamento e sentimento. Sê tremendamente viva, apesar de tudo. Tenho de te ver assim... A meditação é uma coisa maravilhosa. Destrói tudo, exceto o real."

A Devi trabalhava como conselheira e Nandini discutia com ela a virtude de tratar cada pessoa que conhecia com uma mente que fosse uma folha em branco. "Não tenhas uma imagem de uma pessoa, não as julgues enquanto falas com elas, mas ouve...", dizia ela. Estas cartas eram importantes para a Devi porque a

ajudavam a viver a sua vida, a resolver quaisquer problemas que enfrentasse, a desenvolver um sentido de calma. Nandini escreveu:

Vive a vida lidando com a luz e a escuridão, para usar as palavras do Krishnaji, "Como uma manhã após a tempestade, como se a chuva nova tivesse lavado uma folha, cintilante e limpa". Quando ele falava comigo, mostrava-me o que permitir que um problema crie raízes na mente, permitir que ele volte repetidamente, faz à mente. Ele dizia para sermos conscientes de cada pensamento. Não deixes passar uma reação sem a notares, e não julgues nem justifiques. Não sigas o caminho da gratificação. Observa a mente. Não digas: isto é bom, eu quero-o. Isto é mau, fora com isto. Senta-te nas margens de um rio, deixa as águas passar, vigia e observa. Se tiveres um pensamento, explora, observa-o e segue em frente. Não olhes para trás. Sê alerta. Temos de viver as palavras do Krishnaji, ver claramente por nós próprios e trazer ordem para a nossa vida quotidiana.

Por vezes, Nandini desviava-se de discussões mais práticas para examinar outros tópicos. Sobre o significado da renúncia, escreveu:

O que for certo para ti virá como deve vir, e não como tu queres. Não tentes moldar os acontecimentos. Não percebeste que, quando algo de bom acontece, vem sem luta, sem plano? Vem e dá a sua magia e a sua alegria. Temos de deixar ir também a memória dessa alegria fugaz. Isso é a verdadeira renúncia. O verdadeiro desistir. Como diz o Krishnaji, a renúncia não é a túnica de açafão e a recitação de mantras. É desconhecida de todos exceto daquele que afasta alegremente e sem luta os vislumbres de alegria que teve. O Krishnaji dizia que os gestos exteriores são brincadeira de crianças, mas ter tido um vislumbre de alegria e apagá-lo, não se prender à memória dele, não pedir mais dele, isso é a verdadeira renúncia. Reflete sobre isto.

Quando viviam juntas em Bombaim depois de 1983, a Devi por vezes chegava a casa e encontrava a mãe sentada numa cadeira à janela, com um ar de calma no rosto, a olhar para o mar durante longos períodos de tempo. Quando lhe perguntava em que estava a pensar, Nandini respondia: "Em nada. A minha mente está calma e quieta, sem a tagarelice incessante do pensamento". Através dos seus diários e cartas, é abundantemente claro que Nandini tinha, de facto, encontrado o seu pedaço de verde.

"Uma pessoa só pode estar preparada para enfrentar o mal, a violência, o medo, vivendo com sabedoria. Ao temê-lo, atraímo-lo, e ele entra em nós. Em vez disso, enfrenta-o, sê consciente dele, mas não reajas a ele." — De uma carta de Nandini para Devi, escrita nos anos 70.



CAPÍTULO 10

A ÚLTIMA CAMINHADA

EM OUTUBRO DE 1985, KRISHNAMURTI, COM 90 ANOS, chegou à Índia para aquela que seria a sua última vez. Estava ainda fisicamente em forma, apesar de alguns problemas de saúde persistentes, e tinha uma agenda ativa de palestras planeadas. Nandini foi às palestras em Rajghat, Varanasi, em Novembro, e escreveu no seu diário que a experiência foi extraordinária.

Sentia-se radiante e achou os discursos cheios de significado. No entanto, sabia que a saúde de Krishnamurti estava a falhar drasticamente. A certa altura, ele tropeçou e caiu num pomar de mangueiras e a Pupul e a Nandini perguntaram-se se o fim estaria próximo.

Embora Krishnamurti se sentisse mal e estivesse a perder peso, continuou a sua agenda de palestras. Sabia que o fim da sua vida estava próximo e afirmou-o. Disse à Nandini: "Os meus dias de viagem acabaram. Esses dias partiram para sempre, Nandini. Posso morrer em breve". Queria viajar de volta para Ojai para os seus últimos dias. Estava previsto partir a 10 de Janeiro de 1986, e uma série de exames médicos estavam planeados para quando regressasse. Nandini, Devi, Ghanshyam e a sua família, Kaka, Aditi, Pupul e a sua filha Radhika, e Asit viajaram para Madras para assistir à sua última palestra e encontrarem-se com ele antes da partida. Krishnamurti estava alojado em Vasanta Vihar, o Centro da Fundação Krishnamurti.

Uma noite no centro, todos se sentaram juntos e conversaram e, embora febril e indisposto, Krishnamurti conseguiu conversar e até brincar um pouco. A certa altura, pediu a toda a família de Nandini que se sentasse em círculo no chão com ele, de mãos dadas em meditação silenciosa. Foi um momento muito significativo para todos, uma memória que ainda perdura.

A 10 de Janeiro de 1986, a sua última noite na Índia, um grupo de amigos e colaboradores conduziu com Krishnamurti até à praia. O sol punha-se numa explosão abrasadora de chamas, lançando raios resplandecentes pelo céu. A praia estava cheia de gente parada à espera de Krishnamurti. O céu também parecia estar à espera. Krishnamurti caminhou bem e parecia descansado. Nandini caminhou durante algum tempo ao lado dele. Sabia que aquela seria a sua última caminhada com Krishnamurti. A certa altura, ele estendeu a mão e tocou-lhe suavemente no ombro. Não foram necessárias palavras.

No caminho de volta, Krishnamurti deixou que todos seguissem à frente para poder ficar para trás. Quando estava prestes a sair da praia, parou, de frente para o oceano. Depois virou-se e dirigiu o seu olhar e uma saudação, um a um, para todos os quatro pontos cardeais. Com esse gesto, disse o seu último adeus à Índia, no próprio local onde Charles Leadbeater, da Sociedade Teosófica, o tinha notado pela primeira vez, 75 anos antes.

Durante esses últimos dias, Krishnamurti dissera à Nandini: "Há algo de errado aqui (apontando para o seu corpo). Se eu me for embora, assumirei o comando e informar-te-ei alguns dias antes de partir. Terás tempo para vir, ou não. Não tenho medo da morte. Tens de a aceitar, Nandini".

"Como te direi adeus?", perguntou ela. "Não dirás adeus", respondeu Krishnamurti. "Nunca mais te verei?", perguntou ela. "Ver-me-ás", disse ele.

O médico queria que a próstata de Krishnamurti fosse examinada quando ele regressasse à Califórnia. Krishnamurti decidira que, se algo estivesse errado, não se submeteria a qualquer operação, deixaria estar. Pouco depois de regressar a Ojai, confirmou-se que Krishnamurti tinha um cancro no pâncreas que se estava a espalhar rapidamente. Estava desesperadamente doente e com dores imensas. Sabendo que o fim estava próximo, a Pupul, a sua filha Radhika e o sobrinho Asit partiram para Ojai, chegando lá a 31 de Janeiro de 1986. Nandini decidiu não ir. Escreveu a Krishnamurti uma carta que a Pupul lhe entregou em mãos.

Querido Krishnaji, Os meus *pranams* e amor para ti. Não direi adeus. Espero que não tenhas demasiadas dores. O Asit disse-me que tiveste dores no voo e tiveste de usar uma cadeira de rodas. Sinto tanto que tenhas tido de sofrer toda esta dor e desconforto. A Pupul telefonou ao Asit e ele contou-me os resultados da biópsia. Não tenho palavras para expressar plenamente a minha agonia pelo que aconteceu. Tudo parece tão errado, teres de suportar dor.

É um dia bonito, Krishnaji, mesmo para Bombaim — está fresco, o sol cintila nas águas, as aves chamam. Tudo está como deve ser, mas tu estás doente, muito doente, e vais-te embora, mas eu não te direi adeus. Nandini. Gostaria de ter podido estar com os outros na Califórnia, mas o meu corpo diz-me para ficar

para trás e estar quieta. Devi, Ghanshyam, Kaka, Meena, Aditi, Maithili e Aditya enviam-te os seus *pranams*.

Krishnamurti leu a carta e guardou-a à cabeceira. Disse à Pupul para dizer à Nandini que lhe enviava o seu profundo amor, uma mensagem que foi gravada em fita e partilhada com a Nandini mais tarde.

Durante as duas semanas seguintes, a saúde de Krishnamurti deteriorou-se significativamente e os seus dias foram preenchidos com dor e agonia. Perto da meia-noite de 16 de Fevereiro de 1986, o grande instrutor e filósofo do século XX, Jiddu Krishnamurti, faleceu em Pine Cottage, em Ojai, Califórnia. Fora da janela do seu quarto erguia-se a pimenteira sob a qual tivera a sua primeira revelação aos 27 anos.

Em Bombaim, Nandini recebeu a notícia por telefone. Já a esperava. Não houve choro alto, lamentos ou histeria. Nesse dia, verteu lágrimas silenciosas. Depois, como Krishnamurti desejara que fizesse, secou-as e enfrentou a realidade de um mundo sem ele.

Embora ele tivesse partido fisicamente, Krishnamurti não era, de modo algum, uma força esquecida. Anos após o seu falecimento, recordando a imensa alegria que invadia Nandini na presença de Krishnamurti, Ghanshyam escreveu à mãe sobre esses tempos. Ela mencionou-o no seu diário:

Ghanshyam escreve-me em tons suaves sobre o Krishnaji — da sua partida, de coisas que nunca mais serão as mesmas. Da gentileza do Krishnaji para com ele e para comigo. De caminhar e rir com o Krishnaji. Da sua radiância, e de que alegria e deleite era estar com ele, sentar-se e comer com ele, estar na sua presença. Terá tudo isso partido? Ghanshyam escreve: "Nunca verei a mesma alegria e radiância no teu rosto que tinhas quando o Krishnaji estava presente. Mas não esqueças que a última mensagem dele foi o seu profundo amor por ti."

Embora Krishnamurti tenha morrido em 1986, o diário de Nandini contém muitas cartas dirigidas a ele mesmo após essa data. Sempre que tinha preocupações, problemas ou questões familiares, recorria a Krishnamurti, pedindo-lhe que cuidasse daqueles que estavam perturbados, ou que tinham doenças ou contratempos. Sentia-se segura de que Krishnamurti cuidaria das coisas para a sua família. Afinal, quando era vivo, ele dissera-lhe frequentemente que ela estava na sua consciência. Ela acreditava que a proteção dele continuava mesmo depois de ele já não estar fisicamente presente.

Numa das suas cartas para ele, recordou com felicidade o caminhar ao seu lado: caminhar junto dele na poeirenta Panchkoshi Road, em Varanasi, e nas colinas verdes de Ooty. As caminhadas em Rishi Valley, onde foram à aldeia de Thetu, no Sri Lanka junto ao Galle Face Hotel num espaço verde aberto, e em Bombaim no Hipódromo ou ao longo de Worli Seaface ou Carmichael Road.

"Tinha sempre uma sensação estranha a caminhar contigo — era uma alegria tão grande fazer parte daquele grupo que caminhava ao teu lado", escreveu ela.

Em vida, Krishnamurti nunca falou sobre Deus ou sobre uma vida após a morte — falava sempre sobre viver bem esta vida. Nandini citava-o frequentemente e dizia aos filhos: "De nada serve lamentar o passado; está acabado e terminado, e é uma perda de tempo desejar que fosse diferente. O que é importante é viver nessa chama sem arrependimento, sem carência, sem expectativa". Nandini viveu a sua vida de acordo com o que aprendera com os ensinamentos de Krishnamurti. À Devi, escreveu:

Morremos muitas vezes antes da nossa morte, amedrontados pelos nossos próprios pensamentos. Vivemos numa era de dor. Há um caminho, e o Krishnaji mostrou-o. Temos de pegar na chave e caminhar até ao topo da montanha. De qualquer modo, só temos de morrer uma vez. Por isso, vivamos agora como se fosse o nosso último dia — terminando e entregando tudo o que temos, pondo de lado todas as nossas preocupações e aversões. Caminha levemente, sê pronta para o que quer que venha a ser.

Nandini recordava-se frequentemente de que ele lhe tinha pedido para se manter desperta, em chamas, completamente viva e íntegra. Quando olhava para um rio, lembrava-se dele a dizer que ela deveria ser como um riacho de montanha, sempre a fluir, sem lugar de repouso, cheia de vida e beleza. "Quanto menos se pensar no 'eu', mais energia haverá para dar de si próprio, para ser feliz e grata", dizia ele. O seu conselho a Nandini era muitas vezes simples: "Nunca podemos mergulhar duas vezes nas mesmas águas, e o que partiu nunca mais poderá voltar. Por isso, cada dia deve ser pleno, como nunca foi antes, sem compulsão, sem inveja, sem conflito, sem o eu, eu, eu".

Em 1988, nasceu o primeiro bisneto de Nandini, Karma Vivan (alinhado de Nayaa), filho de Aditi Mangaldas e Iqbal Kumar. O menino passou grande parte dos primeiros três anos da sua vida com Nandini e Devi em Bombaim. A sua presença preencheu a vida de Nandini e ela era-lhe totalmente dedicada, ficando acordada toda a noite se ele estivesse doente, brincando com ele, alimentando-o. Ele também era muito ligado à sua bisavó, dormindo ao lado dela com a perna sobre o corpo dela. Após esses primeiros anos, passou muitas das suas férias com Nandini e Devi em Bombaim.

Nandini era dedicada aos seus filhos, netos e bisnetos — mais dois, Ayesha e Amaya, filhos de Aditya e da sua mulher Mamta, nasceram em 1995 e 1997. Nenhum deles se recorda de alguma vez a ver melancólica ou deprimida, instável ou sombria; ela era sempre tranquila, mas tinha uma grande paixão pela vida. Escrevia regularmente cartas aos filhos. Quando os via, ou a qualquer um dos netos, o seu rosto iluminava-se com um sorriso e ela segurava as mãos deles nas suas e beijava-as.

Por isso, foi um grande choque para todos os que a rodeavam quando Nandini começou a mostrar sinais de perda de memória e demência em 1995. Começou a ter alucinações de estar a ser atacada e agredida, mas felizmente eram episódios curtos que logo passavam. Lentamente, a sua caligrafia começou a deteriorar-se e ela deixou de conseguir escrever cartas ou o seu diário. Os seus três filhos e a família próxima ficaram muito entristecidos com isto.

Ela tinha sido o seu rochedo durante todas as dificuldades; o alicerce deles estava abalado. Os três filhos de Nandini, os netos, a irmã Pupul e a sobrinha Radhika afirmavam frequentemente que não conseguiam compreender como isto podia acontecer a alguém que tinha levado uma vida tão disciplinada e era mentalmente tão forte. Era uma verdade dolorosa de aceitar. Mesmo nos seus últimos anos, Nandini não passava o tempo deitada na cama, exceto à noite ou para uma curta sesta à tarde. Até ao fim, continuou a visitar a Bal Anand todos os dias, nutrindo as vidas das centenas de crianças que passavam pelas suas portas.

Na noite de 7 de Julho de 2002, aos 85 anos, o fim chegou de forma rápida e inesperada, enquanto repousava a cabeça no ombro do seu neto Aditya, com o nome do seu filho mais velho, Ghanshyam, nos lábios. O Aditya disse mais tarde: "Sempre temi o pensamento de alguém tão próximo falecer à minha frente, mas a partida da Nandinima foi extremamente pacífica. Ela era um ser humano incrível". O seu filho Ghanshyam ecoou os sentimentos de outros quando se referiu a ela como um ser "único e transcendental".

Não apenas entre a família, Nandini era amada e respeitada entre as mulheres que vinham lavar o chão, lavar a louça e cozinhar nos edifícios de apartamentos de luxo da zona de Malabar Hill. Ela fora quem proporcionara o tão necessário espaço de proteção para os filhos delas enquanto trabalhavam. Juntamente com as mães, eletricitas locais, canalizadores e empregados de balcão choraram a sua partida. Recordaram como ela lhes ensinara desenho e pintura, e guiara a mão deles enquanto escreviam as suas primeiras letras. Um dos seus alunos comparou-a a uma figueira-da-índia (*banyan*), sob cuja sombra todos encontraram abrigo.

Não se sabe muito sobre Nandini Mehta no mundo de Krishnamurti. Quando muito, é recordada como a amiga a quem Krishnamurti escreveu as cartas publicadas na biografia escrita por Pupul Jayakar. Estas cartas foram também publicadas em formato de livrete com o título: *Letters to a Young Friend: Happy is the Man who has Nothing* [Cartas a um Jovem Amigo: Feliz é o Homem que nada tem].

O título capta a vida de Nandini: era uma mulher bela que viveu de forma anónima, não possuiu praticamente nada, mas nutriu muitas vidas. No entanto, ela foi muito mais do que aquilo que é publicamente conhecido: uma alma gentil, de vontade forte, à frente do seu tempo, uma pensadora profunda, uma

personalidade infinitamente cuidadosa e afetuosa. Viveu verdadeiramente a vida que Krishnamurti preconizava nas suas palestras.

Muito apropriadamente, Pupul Jayakar comparou-a uma vez a um riacho subterrâneo que nutre e sustenta a vida, mas que nunca é visto.

AGRADECIMENTOS

A minha profunda gratidão vai para a minha prima Radhika Jayakar Herzberger por me ter lançado nesta jornada e pelo seu apoio contínuo ao longo dos anos. Após a morte da minha mãe em 2002, a Radhika instou-me a preservar as suas cartas, diários e papéis. Pelo bem dos meus filhos, netos, outros membros da família e daqueles interessados nos ensinamentos de Krishnamurti, era importante que a vida de Nandini Mehta fosse recordada nas suas próprias palavras. Desde a sua partida, guardo as cartas da minha mãe à cabeceira da cama e recorro a elas em tempos de alegria e de tristeza.

Sempre que a Radhika visitava Bombaim, sentávamo-nos juntas durante algumas horas todos os dias a transcrever as cartas e diários da minha mãe. Eu lia em voz alta e a Radhika escrevia à máquina. Discutíamos as coisas juntas, tal como as nossas mães, Nandini e Pupul, tinham feito 60 anos antes, quando exploravam os ensinamentos de Krishnaji. Foi um tempo mágico em que rimos, questionámos, discutimos e frequentemente chorámos juntas.

Embora o nosso trabalho estivesse quase terminado no início de 2017, sem um relato narrativo que o mantivesse unido, permanecia fragmentado. Qual seria o passo seguinte? Deveria permanecer dactilografado e formatado numa gaveta raramente aberta? A minha filha Aditi insistiu que eu ligasse os fragmentos num relato da vida de Nandini; o meu filho Aditya instou-me a, pelo menos, tentar. Os meus três bisnetos Karma Vivan, Ayesha e Amaya, e a minha sobrinha Maithili encorajaram-me e seguraram a minha mão sempre que me sentia desencorajada pela magnitude da tarefa. Estou grata pelo seu apoio. Gostaria também de agradecer ao meu primo Asit Chandmal pela permissão para usar as fotografias do Krishnaji.

Em Dezembro de 2017, a minha nora Mamta apresentou-me a Niloufer Venkatraman. Tive a sorte de ela ter aceitado trabalhar comigo neste projeto. Estou grata pela sua sensibilidade, paciência e perseverança ao guiar-me através do processo, e ao editar e reescrever estas memórias. Tive dificuldade em começar, mas eventualmente escrever sobre a minha mãe e a sua vida tornou-se

uma fonte de alegria profunda. Com a colaboração da Niloufer, este manuscrito tornou-se uma narrativa coerente que tenho o prazer de partilhar com a minha família e com qualquer outra pessoa interessada na vida de Nandini Mehta.

— **Devyani (Devi) Mangaldas** Agosto de 2018

DA EDITORA

Aceitei colaborar e editar este projeto com a Devi Mangaldas porque a história básica que ouvira sobre a mãe dela era intrigante. À medida que os meses passavam, no entanto, comecei a perceber que isto era muito mais do que umas memórias que precisavam de ser documentadas. Em mais do que uma ocasião, vi-me comovida por várias emoções. Compreender Nandini Mehta e a filosofia com que viveu a sua vida fez-me, em várias ocasiões, reexaminar-me a mim própria, o meu comportamento e a forma como lidei com uma situação ou relação. Parei e perguntei-me se poderia abordar um cenário com mais compaixão, generosidade ou bondade.

À medida que os materiais em que a Devi tinha trabalhado começaram lentamente a tornar-se um manuscrito coerente, descobri que muitas das palavras profundas de Nandini me fizeram pensar mais seriamente sobre a vida e sobre o materialismo em que a nossa existência está focada. Acredito que há lições de vida valiosas nos seus escritos. A sua vida é inspiradora e tem a capacidade de abrir vales de esperança em momentos sombrios. Nunca tive a oportunidade de conhecer Nandini Mehta, mas certamente gostaria de o ter feito.

— Niloufer Venkatraman